

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290003864

TCC/UNICAMP
OL4a
1290003864/FE

O ABZ do Ziraldo

CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - EDUCAÇÃO

MÔNICA FURLAN OLIVATTO

O ABZ do Ziraldo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como exigência parcial para a
conclusão do Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a
orientação da Prof.^a Dr.^a Norma Sandra de
Almeida Ferreira.

803706000

CAMPINAS

2008

Cod tit 437260

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	OL4a
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	3864
PROC:.....	148109
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	02/04/09
Nº CPD:.....	

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

OL4a	Olivatto, Monica Furlan O ABZ do Ziraldo / Monica Furlan Olivatto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.
	Orientador : Norma Sandra Almeida Ferreira. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Ziraldo. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Alfabetização. I. Ferreira, Norma Sandra Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	08-506-BFE

Professora Doutora Norma Sandra Almeida Ferreira

Orientadora

Professor Doutor Ezequiel Theodoro da Silva

Segundo leitor

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que deu forças à minha trajetória.

Ao meu pai, Nelson que me ajudou lendo e dando opiniões acerca do meu trabalho, sempre me apoiando na vida acadêmica.

À minha mãe, Marli e meu irmão Gustavo que me apoiaram e ajudaram nos momentos de felicidade e de dificuldade.

À minha orientadora Norma Sandra Almeida Ferreira, pela amizade, compreensão e orientação crítica e a Ezequiel Theodoro da Silva pela colaboração e olhar crítico que contribuíram ao meu trabalho.

Ao Thiago que ajudou com carinho e compreensão.

À Aline, Bianca, Érica S., Érica D. e Patrícia pela amizade e companheirismo na trajetória da minha formação.

E aos meus amigos que me ajudaram direta e indiretamente.

*O homem está no menino, só que o
menino não sabe. O menino está no
homem, só que o homem se esqueceu.*
Ziraldo

RESUMO

Do interesse pelos livros, como leitora, passei a buscar nos livros de Ziraldo, o meu objeto de investigação. Como eu poderia ter uma leitura dessas obras com o olhar de uma educadora? Como essa produção de Ziraldo dialogaria com minhas inquietações ligadas ao mundo da escola?

A Coleção ABZ reunida em um único livro lançado em 2003 em sua 1ª edição traz vinte e seis histórias, uma para cada letra do alfabeto. O objetivo dessa pesquisa foi conhecer e estudar esta Coleção como uma produção que circula no ambiente escolar, buscando verificar e indagar sobre a imagem de leitor pressuposto e de literatura infantil inscritas nessa obra.

Para conhecer a atualidade da recepção dessa obra, foi feita uma pesquisa de campo nas bibliotecas e sebos na cidade de Sumaré-SP, identificando ou não a presença dos livros. Também foi feita uma pesquisa bibliográfica on-line nos sites das bibliotecas das Universidades Públicas Paulistas, UNICAMP, USP e UNESP das produções acadêmicas acerca de Ziraldo nos sites: <http://www.sbu.unicamp.br> da UNICAMP, <http://bibliotecas-cruesp.usp.br/unibibliweb> da UNESP e <http://www.usp.br/sibi/> da USP, com o intuito de conhecer o quê e como esse autor já foi objeto de investigação e estudo.

As produções acadêmicas encontradas abordaram diferentes obras de Ziraldo, em também distintas abordagens teórico-metodológicas, com objetivos bastante diversos entre si.

A análise da obra propriamente dita - o "ABZ do Ziraldo" - explorou o enredo, a ilustração, a linguagem, a intertextualidade e intenção pedagógica ou literária da Coleção tendo como foco o leitor pressuposto para ela.

Ziraldo usa da intertextualidade como um recurso para atrair seus leitores para a obra. Tal estratégia pode instigar o leitor a pesquisar sobre os mais variados temas e o colocam em um mundo cultural em que literatura e outras artes dialogam.

Palavras chave: Literatura infantil, Ziraldo, alfabetização

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA DE ZIRALDO	13
1.1- Vida e obra.....	13
1.2- Literatura Infantil.....	17
1.3 - O ABZ de Ziraldo	20
CAPÍTULO 2 - DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE ZIRALDO.....	22
2.1 - Ziraldo como citação e referência.....	22
2.2- Ziraldo como objeto de estudo e análise.....	26
2.3- Considerações	35
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO.....	37
3.1- Sobre as histórias	40
3.2- Intertextualidade	41
3.4- Humor	48
3.5 - Non sense.....	50
3.6-Meta-ficção	51
3.7- O jogo do ensinar.....	53
3.8-Um conflito narrativo.....	55
3.9- Jogo imagem e palavra.....	57
3.10-Histórias em gêneros discursivos diversos	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
1. Livros, capítulos de livros, artigos, teses e dissertações	65
2. Endereços eletrônicos.....	68
ANEXOS.....	69
ANEXO 1 - “A história do A”	69
ANEXO 2 -“O ABC do B”	70
ANEXO 3 - “Um C em concerto”.....	71
ANEXO 4 - “A dieta do D”	72
ANEXO 5 - “A leste do E”	73
ANEXO 6 - “Um F chamado Fred”	74
ANEXO 7 -“O G é um gênio!”	75
ANEXO 8 -“H- nosso herói”	76
ANEXO 9 -“A história do i que engoliu o pinguinho”	77

ANEXO 10 - "Um J na minha vida"	78
ANEXO 11 - "Os guerreiros de K"	79
ANEXO 12 - "As viagens de L"	80
ANEXO 13 - "Na terra de M"	81
ANEXO 14 - "A letra N e o nascimento da noite"	82
ANEXO 15 - "O encantado planeta O"	84
ANEXO 16 - "O pequeno P"	85
ANEXO 17 - "Um Q todo especial"	87
ANEXO 18 - "R-a princesinha"	88
ANEXO 19 - "O S feinho"	90
ANEXO 20 - "Todos com T"	92
ANEXO 21 - "O segredo de U"	94
ANEXO 22 - "Os vôos de V"	95
ANEXO 23 - "As desventuras de Mr. W"	96
ANEXO 24 - "Os mistérios de X"	98
ANEXO 25 - "O Y e o mar"	100
ANEXO 26 - "Z- a missão!"	102

INTRODUÇÃO

Desde criança eu sempre gostei de ler, me lembro que lia “*O sítio do pica pau amarelo*” de Monteiro Lobato, “*O menino maluquinho*” de Ziraldo, “*Menina bonita do laço de fita*” entre outras de Ana Maria Machado, fábulas de Esopo, obras de Ruth Rocha, “*O pato magro e o pato gordo*” de Eliardo França e Mary França e as histórias da Bruxa Onilda de Enric Larreula e Roser Capdevila.

Tomei conhecimento da Coleção ABZ através de uma conversa com minha orientadora. Procurei pela biblioteca da Faculdade de Educação e encontrei quatro livrinhos que fazem parte desta coleção: “*Os guerreiros de K*”, “*Na terra do M*”, “*A letra N e o nascimento da noite*” e “*A história do I que engoliu pinguinho*”.

Ao lê-las, gostei delas, das ilustrações de cores vivas; de histórias de letras que vivem aventuras, frustrações, alegrias e medos. A narrativa prendia minha atenção, na brincadeira com as formas e origens das letras. Cativada por elas, fiquei provocada a ler todas as outras histórias da Coleção ABZ.

Do interesse pelos livros, como leitora, passei a buscar nos livros de Ziraldo, o meu objeto de investigação. Como eu poderia ter uma leitura dessas obras com o olhar de uma educadora? Como essa produção de Ziraldo dialogaria com minhas inquietações ligadas ao mundo da escola?

Com a vontade de conhecer mais sobre essas histórias que traziam as letras do alfabeto personagens-protagonistas dos enredos, procurei quais as obras de Ziraldo estavam à disposição para leitura entre as bibliotecas e sebos na cidade de Sumaré-SP. Encontrei apenas as obras “*Menino Maluquinho*” e a história do “*Chapeuzinho Amarelo*”, ilustrada por ele.

Tomei a Coleção ABZ como meu objeto de pesquisa. Iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre Ziraldo. Foi feita também uma pesquisa biográfica a partir de um

e seis histórias. Misturados ao texto e às ilustrações do autor é possível encontrar trechos de poemas de Mário Quintana, de Carlos Drummond, de Fernando Pessoa, pinturas de Miró, Monet e Degas, curiosidades sobre o léxico de alguns vocábulos e frases de romances de Gabriel García Márquez, o que traz uma beleza e qualidade nesta edição.

O trabalho é uma tentativa de me aproximar desta Coleção indagando sobre as representações do gênero literário “infantil” e de “alfabetização” e ainda do leitor pressuposto. Escolhemos a obra “O ABZ do Ziraldo” na tentativa de conhecer, verificar quais as concepções de literatura infantil e de público leitor da obra, observando a escolha das imagens, a relação das narrativas com outras histórias conhecidas e a intenção pedagógica ou literária da coleção.

CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA DE ZIRALDO

1.1- Vida e obra

Por este trabalho basear-se, especificamente, na obra *O ABZ do Ziraldo*, de Ziraldo Alves Pinto, uma biografia sobre o autor se mostrou imprescindível para compreender a importância de suas obras na literatura infantil brasileira.

Ziraldo é um artista de múltiplas facetas, já que é pintor, jornalista, escritor, cartazista, teatrólogo e caricaturista.

Ele nasceu na cidade de Caratinga, Minas Gerais no dia 24 de outubro de 1932. É o mais velho de sete irmãos, seu nome vem da combinação do nome da mãe, Zizinha e do pai, Geraldo.

Sempre gostou de desenhar e ler, tanto que aos seis anos de idade já tinha publicado no *Jornal A Folha de Minas* seu primeiro desenho.

Nasci numa pequena cidade de Minas. Até aí nada demais. Muita gente nasce em cidades pequenas, distantes e quietas. Seria feliz, de qualquer maneira, se quem lê neste instante pudesse saber a alegria que existe em se nascer num lugar assim, em que as ruas pequenas e estreitas, as altas palmeiras, a água macia da chuva que cai sempre, as muitas estrelas e a lua, as pedrinhas das calçadas, a meninada, a carteira da sala de aula, a mestra e mais uma quantidade destas lembranças simples sejam, mais tarde, influências reais na vida da gente. Na vida de quem, afinal, preferiu enfrentar a cidade grande: as águas desse mar, a luz dessas lâmpadas frias, a sala fechada, triste e sem perspectivas em que se ganha a vida, a cadeira quente e insegura das tardes de ir e vir — pura fadiga — das empresas, a luta, a dura luta de ser alguém, um peixe grande em mar estranhamente grande. A verdade é que, um dia, a pensar e refletir na grama macia da pracinha da matriz, a criança decidiu sair. E a estrada se abriu a sua frente. Vir era uma idéia. Fixa. Caminhar era fácil. A chegada: a rua imensa, as buzinas, as luzes, sinal verde, aquela cidade grande, grande ali, na sua frente. Cada face, cada ser que passava — pra lá e pra cá — inquietamente, tanta gente, suada, apressada, sem alegria, sem alma, a alma cerrada, enrustida, cada triste surpresa era a chegada.” (Ziraldo, 1984)¹

Viveu a infância em Caratinga, onde cursou o Grupo Escolar Princesa Isabel. Em 1949, com 17 anos, foi com o avô para o Rio de Janeiro, onde cursou dois anos no MABE

¹ Texto extraído do livro *SANTA'ANA*, Afonso Romano de e outros. *Crônicas Mineiras*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1984. página 109.

(Moderna Associação de Ensino); nesse ano ele colaborou nas revistas *Vida Infantil* e *Sesinho*; publicou seu primeiro cartum na revista *A Cigarra*.

Em 1957, formou-se em Direito na Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Belo Horizonte e mudou-se para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, após sete anos de namoro, casou-se com Vilma Gontijo, com quem teve três filhos - Daniela, Fabrícia e Antônio e seis netos.

Trabalhou numa página de humor no *Jornal A Folha de Minas* substituindo o caricaturista Borjalo em 1954. Trabalhou nas agências de publicidade Walter Poyares, McCann Erickson e Grant's, e como diretor de arte na Standard Propaganda.

Ganhou o Oscar Internacional de Humor no 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas e o Merghantealler em 1969, prêmio máximo da imprensa livre da América Latina, patrocinado pela Associação Internacional de Imprensa e recebido em Caracas, Venezuela.

De 1974 a 1981 publicou oito volumes das "*Anedotas do Pasquim*".

As anedotas mais engraçadas que já ouvi, vindas não se sabe de onde, criadas não se sabe quando nascidas e reinventadas na imaginação popular, subsídios concretos para a compreensão da natureza e do comportamento humano, elaboradas pela imensa necessidade que o homem tem de rir de si mesmo. (Ziraldó, 1974)²

Publicou seus trabalhos na revista *A Cigarra* e na revista *O Cruzeiro*, periódico de grande renome da época em, onde ele criou o personagem Pererê, publicado na revista *O Cruzeiro* de 1960 a 1964, época em que a revista encerrou sua carreira, devido à ditadura militar.

Fez cartazes para os filmes *Os Mendigos* (1962), dirigido por Flávio Migliaccio; *Os Cafajestes* (1962), dirigido por Ruy Guerra; *Selva Trágica* (1963), dirigido por Roberto Farias; *Os Fuzis* (1965), dirigido por Ruy Guerra. Foi convidado em 1969 a desenhar o cartaz anual do Unicef, honra concedida pela primeira vez a um artista latino.

² Trecho de entrevista concedida à Aramis Millarch, publicado no dia 04/10/1974 no Jornal Estado do Paraná - Caderno Almanaque - Seção Tablóide - página 4. Retirado do site: <http://www.millarch.org/ler.php?id=6726> em 26 de junho de 1969.

Em sua carreira de jornalista, fez colaborações para o *Jornal do Brasil* no ano de 1963, trabalhou juntamente com Jaguar, Fortuna, Stanislaw Ponte Preta e Claudius na revista *Pif-Paf*, dirigida por Millôr Fernandes e integrou a equipe de fundadores do *Pasquim*, jornal de oposição à ditadura, cujo primeiro número foi colocado nas bancas.

Em 1999, criou duas revistas que sacudiram os conceitos do ramo editorial: *Bundas* e *Palavra*, em reunião com grandes escritores, cartunistas e analistas políticos que foram revelados no jornal *O Pasquim*. O assunto da revista *Bundas* era ligado ao destino político do país e a revista *Palavra* era uma divulgação da arte longe do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com o fim de *Bundas*, Ziraldo logo no início de 2002 publicou *O Pasquim 21*, um jornal semanal que fez alusão ao histórico *O Pasquim* e continuou a revelar talentos, especialmente na charge política e na caricatura, infelizmente a revista encerrou suas publicações em 2004.

Ziraldo atuou no filme *Esse Mundo é Meu* (1964), dirigido por Sérgio Ricardo. Trabalhou em peças de teatro, dentre elas como coordenador gráfico do Festival de Filmes do Rio de Janeiro a peça teatral de sua autoria intitulada *Os Cangurus* (1965) e representou na peça teatral de sua autoria intitulada *Esse Banheiro é Pequeno demais para nós dois* (1968), ambas encenadas no Teatro Santa Rosa. Participou como co-autor do texto da peça teatral *Feira do adultério* (1975).

Como chargista, teve suas charges publicadas nos últimos números da revista *O Malho* em 1950. Criou charges com os personagens *Zeróis* em 1966 e *Supermãe* em 1969 publicados no *Jornal do Brasil*.

Publicou *Ziraldo 40/55* (1988), uma coletânea de trabalhos com fatos, comentários e fotos e *Marcas nada patentes* (1988), onde criou ícones da atualidade.

A partir de 1968 teve seu talento reconhecido internacionalmente com a publicação de suas produções na revista *Graphis*. Seus trabalhos foram publicados nas revistas internacionais *Penthouse e Private Eye*, da Inglaterra, *Plexus e Planète*, da França, e *Mad*, dos Estados Unidos. Publicou desenhos na revista *MAD* nos Estados Unidos.

Entre os livros que editou está uma série composta por dez livretos intitulada *Fotopotocas* publicados pela Editora Brasileira de Livros em 1964; em 1967 trabalhou como editor da revista *Fair Plays*.

Realizou um painel de 180 metros para a inauguração do Canecão ocorrida em 22 de junho de 1968.

Diversas revistas internacionais usaram seus desenhos em capas, inclusive a *Vision*, a *Playboy* e a *GQ (Gentlemen's Quaterly)*. Seus cartuns percorreram revistas de várias partes do mundo. Alguns de seus desenhos foram selecionados para fazer parte do acervo do Museu da Caricatura de Basileia, na Suíça.

O marco dos 70 anos também foi oportunidade para a realização de um documentário sobre sua vida e obra, "Ziraldo, profissão cartunista", exibido na TV Senac e realizado por Marisa Furtado. Chegou a apresentar o programa *Etc.* na TV Bandeirantes em 1974. No início dos anos 90 foi entrevistador do programa "Ziraldo - o papo" na TV Educativa e compareceu muitas vezes no programa "Jô Soares Onze e Meia". Ziraldo montou em 2000 um parque de diversões temático em Brasília, O Ziramundo.

ARAUJO e SAGUAR (2007) lançaram um livro em homenagem aos 75 anos do autor. A obra mostra as produções do autor em Jornais e Revistas, Publicidade, Teatro, Cinema, TV, Literatura Infantil, Literatura Adulta, Campanha Educacionais, Quadrinhos, junto com um capítulo Biográfico, que conta "causos" do mineiro.

1.2- Literatura Infantil

Publicou seu primeiro livro infantil em 1969 “*Flicts*” da Série Mundo Colorido, a história de uma cor procurando seu lugar no mundo, refletindo os sentimentos da época da ditadura.

*Não tinha a força do Vermelho
não tinha a imensidão do Amarelo
nem a paz que tem o Azul
Era apenas o frágil e feio e aflito Flicts*

A embaixada dos Estados Unidos no Brasil presenteou os astronautas americanos que pisaram na lua pela primeira vez com um exemplar do livro, quando estes visitaram o Brasil. Neil Armstrong, um deles, leu o livro e, comovido, escreveu ao autor: “The moon is FLICTS”. Em 2004, Ziraldo ganhou com o livro “*Flicts*”, o prêmio internacional Hans Christian Andersen.

Seu livro “*Flicts*” já foi enredo de escola de samba em Juiz de Fora, Ziraldo desfilou no chão ao lado do filho Antônio. Em 1997 ele foi homenageado com um carro alegórico do Menino Maluquinho e em 2003 foi homenageado pela paulistana Nenê de Vila Matilde que levou o enredo “*É melhor ler... O mundo colorido de um maluco genial*”.

Recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria literatura infantil em 2003.

São mais de 140 livros e todos em catálogo. Não sei, exatamente, como uma história começa a surgir. Nem um personagem. Os meus personagens, em geral, são brasileiros. Quando uma idéia nos ocorre, devemos anotar logo. Agora mesmo – e acho que sempre foi assim na minha vida – estou com uma porção de histórias (com seus personagens, naturalmente) que amanheci com elas e me esqueço de anotar. Nem sei como elas se foram sem se realizar... Meus personagens, em sua grande maioria, são o que em literatura se chama um compósito. Não existe uma mulher igual à Professora Maluquinha, por exemplo, assim como não existe um menino exatamente igual ao Menino Maluquinho. São figuras literárias. E literatura é uma espécie de imitação da vida. Quanto melhor a imitação, melhor a literatura. Os dois, apenas como exemplo, foram criados na base de “uma porção de coisas que eu sei deles”. As histórias da Professora Maluquinha, na sua maioria, são verdadeiras. Cada uma delas acontecida com um professor ou professora diferente. Das e dos que amei. (Ziraldo, 2005).³

³ Entrevista concedida por Ziraldo para o Jornal Gazeta de Limeira em 07/10/2005 Disponível em:

http://www.gazetadelimeira.com.br/gazetinha/fique_ligado.php?codigo=62

Ilustrou inúmeros livros, entre eles *O pipoqueiro da esquina* (1981), de Carlos Drummond de Andrade; *A descoberta de Cornuália* (1984) escrito por seu irmão Zélio Alves Pinto; *História de dois amores* (1985) em parceria com Carlos Drummond de Andrade; *História de Galileu* (1985); *A fábula das três cores* (1985), *Brasil-Manual de instruções* (1985); um álbum com as histórias da *Supermãe* em 1985; *Cafute e pena-de-prata* (1995) escrito por Raquel de Queiroz; *Noções de Coisas* (1985) com o texto de Darcy Ribeiro; *Chapeuzinho Amarelo* (1997) história de Chico Buarque de Holanda; *O Fazedor de Amanhecer* (2001) escrito por Manoel de Barros.

Os primeiros livros de literatura infantil que publicou estão em três volumes *A turma do Pererê* (1964) e *Jeremias, o bom* (1969). A partir de 1979, Ziraldo passou a dedicar mais tempo à sua antiga paixão: escrever histórias para crianças. Publicou *O Planeta Lilás*, a história de um bichinho que vivia num planeta lilás e sai em uma espaçonave para explorar o universo.

*E o espaço que era preto
de repente ficou todo colorido em seu painel.
E o bichinho exclamava: Eu sabia!
Eu sabia que outras cores haveria
além do roxo e do violeta do meu planeta lilás!*

Em literatura infantil podemos destacar: *A bela borboleta* (1980) em parceria com seu irmão, Zélio Alves Pinto; *O bichinho da maçã* (1982); *Rolim* (1983); *O joelho juvenil* (1983); *Pelegrino e Petrônio* (1983); *O planeta perdido* (1985); *O menino marrom* (1986); *Vito Grandam* (1987); *Um Sorriso Chamado Luiz* (1987); *Além do Rio* (1987); *Ave Jorge* (1987), com ilustrações de Antonio Maia, livro com o qual ele ganhou o prêmio Jabuti 1986; *Os Dez Amigos* (1987); *Dodô* (1987) e *Meu Amigo, o Canguru* (1987); *Lição de Geografia* (1991); *As flores da Primavera* (1991); *Há bicho no circo* (1991); *Diga-me com quem come* (1991); *Cada um mora onde pode* (1991); *Um amor de família* (1991); *O bichinho que queria crescer* (1991); *Um bichinho na linha* (1991); *Como ir ao Mundo da Lua* (1991); *As cores e*

os dias da semana (1991); *Uma Historinha sem Sentido* (1994) com ilustrações de Antonio Pinto; pelo Jornal Estado de Minas Gerais uma coletânea das melhores histórias *The Supermãe* (1996); *Tia Nota Dez* (1996); *Tia Te Amo* (1996); *Tantas Tias* (1996); *Menino do Rio Doce* (1996); fez parceria com Miguel Mendes e Paladino em *Quatro estações e um trem doido* (1996); *Um bebê em forma de gente* (1996); *Um, dois, feijão com arroz* (1996); *Muito prazer, Bebê!* (1996); *Vovó Delícia* (1997); *O ABC do Louro* (1997), texto de Stil e ilustrações de Farreth; *Rolando de Rir* (2001); e em parceria nas ilustrações com Miguel Mendes, Farreth e Periquito em *A Fazendinha Maluca* (2001); *O Bebê que Sabia Brincar* (2001) e *Zap! Zap!*; *O Segredo de Mãe Docelina* (2002) e *Menina Nina- duas razões para não chorar* (2002) que lhe rendeu os prêmios “Hors concours”, o Prêmio Ofélia Fontes – o melhor para a criança, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e o Prêmio da Academia Brasileira de Letras para as obras publicadas em 2002, este mesmo livro esteve entre os selecionados para o “White Ravens 2003”, catálogo anual, publicado pela Biblioteca Internacional da Juventude de Monique; *O Menino e seu amigo* (2003); *Os meninos morenos* (2004) com versos do guatemalteco Humberto Ak'abal e *Menina das Estrelas* (2007).

Em 1980, Ziraldo recebeu sua maior consagração como autor infantil, na Bienal do Livro de São Paulo com o lançamento de *O Menino Maluquinho*. Esse livro se transformou no maior sucesso editorial da feira e ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo. Foi adaptado para o teatro, o cinema e para a internet, teve uma versão para ópera infantil, feita pelo maestro Ernani Aguiar. O Menino Maluquinho virou um verdadeiro símbolo do menino nacional.

*Era uma vez
um menino maluquinho
Ele tinha o olho maior que a barriga
tinha fogo no rabo
tinha vento nos pés
umas pernas enormes
(que davam para abraçar o mundo)
e macaquinhos no sótão
(embora nem soubesse*

*o que significava
macaquinhos no sótão).
Ele era um menino impossível!*

Entre as produções acerca do personagem do Menino Maluquinho podemos destacar: *O Menino Quadrado* (1989); *Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa – Ilustrado* (1989); *Onde não está o Menino Maluquinho* (1991); *O Livro de Receitas do Menino Maluquinho* (1994), com ilustrações de Miguel Mendes; *Uma professora muito maluquina* (1995); *Outro como eu só daqui a mil anos* (1999); *O Livro de Mágicas do Menino Maluquinho* (2000), feito em parceria com Luiz Cláudio e Miguel Mendes; *O Livro dos Primeiros Socorros do Menino Maluquinho* (2002) e *O livro de informática do Menino Maluquinho* (2004), feito com a colaboração de Gustavo Luiz Ferreira e Miguel Mendes.

Estreou a ópera *O Menino Maluquinho* em 2002 no Teatro Central de Juiz de Fora. A ópera foi escrita pelo maestro Ernani Aguiar com libreto de Maria Gessy. Os papéis principais foram cantados por dois meninos e uma menina acompanhados por um coro também de crianças.

1.3 - O ABZ de Ziraldo

Dentre essa numerosa produção voltada para a literatura infantil, Ziraldo lançou a Coleção ABZ pela Editora Melhoramentos: *A história do A* (1990); *A história do i que engoliu o pinguim* (1990); *O encantado planeta O* (1990); *As viagens de L* (1990); *O segredo do U* (1990); *O ABC do B* (1991); *Um C em concerto* (1991); *A dieta do D* (1991); *A leste do E* (1991); *Um F chamado Fred* (1991); *O G é um gênio* (1991); *H o nosso herói* (1991); *Um J na minha vida* (1992); *Os guerreiros de K* (1992); *Na terra de M* (1993); *O pequeno P* (1993); *Um Q todo especial* (1993); *A letra N e o nascimento da noite* (1994); *R, a princesinha* (1994); *O S feinho* (1994); *Todos com T* (1994); *Os vôos de V* (1994); *As desventuras de Mr. W* (1994); *Os mistérios de X* (1994); *O Y e o mar* (1994) e *Z- a missão* (1994).

Inicialmente era um livro para cada história, porém em 2003, Ziraldo lançou um único volume, as vinte e seis histórias chamado *O ABZ do Ziraldo*. Na apresentação da Coleção, Ziraldo falou que o objetivo dessa produção é a literatura infantil:

Dona Zizinha, minha mãe, antes que eu entrasse para a escola, achou que devia me apresentar as letras do alfabeto. E fez da descoberta de cada uma delas uma aventura. Me lembro de como Dona Zizinha construía o A. Ela me contava, com o lápis sobre a página do caderno, que um menino subia o morro, chegava no alto, descia, mas outro menino tinha chegado lá embaixo primeiro, por um caminho mais curto: “sobe, desce, corta”, ela me dizia, construindo o A. O B era um menino barrigudinho, não tanto quanto o D. E, quase lá no fim da lição, ela me descobria que o X era um agá de cinturinha apertada, o Y, um menino pedindo socorro, e o Z, a misteriosa letra do meu nome. As letras da minha mãe não precisavam de olhinhos postiços, bracinhos, perminhas ou bocas desenhados sobre suas formas; elas eram expressivas demais para necessitar desses acessórios; eram coisas vivas, com alma e expressão bastantes para povoar minha imaginação. Aí, um dia, quando descobri que podia escrever livros para crianças e passei a viajar por este mundo de fantasias, lembrei-me de que podia recontar a história de cada letra, inventando sobre as invenções de Dona Zizinha. É preciso acreditar que o K é um ariano marchando, que o E é uma letrinha tão novinha que ainda não perdeu o cordão umbilical ou que o G é um C com língua presa. É preciso acreditar...Escrevi e illustrei vinte e seis livrinhos com a história de cada uma das minhas primeiras companheiras de aventuras. Trabalhei durante longos meses para completar o serviço, e a Melhoramentos lançou a coleção. Muita gente acreditou, pelas letras nas capas, que se tratavam de livrinhos para alfabetização. Não eram. Eu estava querendo fazer literatura para crianças. Literatura, mesmo. É, pois, com esta pretensão que, agora, lançamos todas as vinte e seis histórias em dois volumes, assim, com jeito de livrão. Pra convocar o leitor a ir lendo tudo, como se fosse um romance só. Aliás, é. Cheio de personagens!

Depois, me contem. (p.3).⁴

⁴ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

CAPÍTULO 2 - DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE ZIRALDO

A partir da significativa e diversificada produção de Ziraldo Alves Pinto, autor reconhecido nacional e internacionalmente, ganhador de diversos prêmios como escritor de literatura infantil, justificamos a relevância de investigar as produções acadêmicas que o utilizam como tema, para ampliar nossos conhecimentos e para dar ao nosso trabalho, um enfoque pouco investigado por outros pesquisadores.

Desta forma, neste capítulo apresentamos o resultado da leitura de artigos, teses e dissertações que utilizam Ziraldo como objeto de estudo. O objetivo é conhecer o tratamento teórico e metodológico dado à produção de Ziraldo, como tratam as temáticas de interesse dos pesquisadores sobre esse escritor.

Numa busca pelo Sistema de Biblioteca da Unicamp no site: <http://www.sbu.unicamp.br> foram localizados trinta e nove arquivos sobre Ziraldo. Dessas, quinze eram obras de literatura infantil do autor. Vinte e uma das produções acadêmicas não focavam diretamente as obras de Ziraldo, mas as utilizavam para discussões e outros campos de análise, sendo oito dissertações de mestrado, oito teses de doutorado e cinco memoriais de formação. Das vinte e quatro produções, treze procederam da Faculdade de Educação, cinco do Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, duas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH e uma do Instituto de Artes - IA. Somente duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado utilizaram o autor como tema da pesquisa.

2.1 - Ziraldo como citação e referência

Entre essas produções acadêmicas que não focalizaram diretamente as obras de Ziraldo, verificamos que eles utilizaram textos de Ziraldo para adaptações de teatro, como a dissertação de mestrado de Randi (2006) intitulada *Palco, academia e periferia: a dissonante polifonia da banda Bate Lata na (trans) formação de um educador*, que relatou uma produção

de teatro com o livro Flicts; Campos (2005) em sua tese de doutorado cujo título é *Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da Argumentação*, colocou que a partir de um teatro adaptado do Menino Maluquinho trabalhou a escrita de crianças de sete anos e a tese de doutorado de Lacombe (2003) intitulada *“Os descolecionadores, uma pedagogia do risco,”* que contou que adaptou para o francês o livro Flicts e criou uma peça para crianças apresentarem.

Algumas professoras relataram que utilizaram obras do autor em sua prática como a professora Ferreira (2005) que escreveu no seu memorial intitulado *“Memorial de Formação: as brincadeiras do passado construindo os valores no futuro”* que acredita que deve incentivar as crianças a brincar, assim como o *“Menino Maluquinho”*. Em sua dissertação de mestrado cujo título é *“Autonomia: do clichê aos paradoxos da prática pedagógica”* Hernandes (2002) citou um projeto de uma professora para produções de textos a partir do livro e do filme do *“Menino Maluquinho”* e o relato de Rosenburg (2003) na sua dissertação de mestrado cujo título é *“Lugares de Experiência Formativa e a Produção da Necessidade de Mudança no Trabalho Docente”*, que trabalhou com textos de Ziraldo na sua prática de professora.

Além desses trabalhos que destacam o uso pedagógico das obras de Ziraldo, outros pesquisadores lembraram que liam Ziraldo na sua época de infância, como nos memoriais *“Caminhos da educação: memorial de formação”* de Rocha (2006) e *“Memorial de Formação: mais que experiência, realização”* de Santos (2005).

Há alguns estudos sobre o jornal *“O Pasquim”*, como a dissertação de mestrado de Bellucco (2006) intitulada *“Radiografias brasileiras: experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio”*, em que o autor estudou a vida de João Antônio, cronista que trabalhou no jornal *“O Pasquim”* com Ziraldo. Também a tese de doutorado de Donatoni (1999), cujo título é *“Trajetória do movimento docente do ensino superior: um resgate*

histórico da origem e desenvolvimento da ANDES” destaca a importância do jornal “O Pasquim” na década de 70, como periódico formador de gerações de leitores de esquerda.

Ainda sobre o período de resistência da ditadura militar, Silva (2006) na sua dissertação de mestrado intitulada “*Prelúdios & Noturnos: ficções, revisões e trajetórias de um projeto político*” contou as memórias de escritores como Renato Carvalho Tapajós, Gabeira, Alfredo Hélio, Reinaldo Guarany Simões e Ziraldo, que lutaram contra a ditadura militar. Ele utilizou entrevistas e depoimentos, análise narrativa e pesquisa em arquivos, o que deu à pesquisa uma riqueza diversificada de fontes de pesquisa.

Ele cita Ziraldo, como amigo de Gabeira, que fez o comentário na orelha da 1ª edição do livro *O que é isso Companheiro* de Gabeira:

Fernando Gabeira começou a escrever este livro no dia em que tomou a decisão que mudaria o rumo da sua vida: ele abandonou uma das mais promissoras carreiras de jornalista de sua geração e mergulhou o mais fundo possível na aventura de colocar sua vida em risco para alcançar em contrapartida um mundo mais justo para todos. (p. 65).⁵

Sobre o tema humor, encontramos um memorial de formação intitulado “*Leitura na educação infantil: memorial de formação*” de Chavári (2006) que comentou sobre a importância do surgimento de autores na década de 70 que trouxeram o humor de volta ao público infanto-juvenil e dentre eles, cita Ziraldo.

Pesquisas acerca da literatura infantil, assim como a de Leardini (2006), que na sua dissertação de mestrado “*O contar histórias na educação infantil: um estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica*” apresenta Ziraldo, junto a outros autores como Ana Maria Machado e Ruth Rocha que foram influenciados pelas obras de Monteiro Lobato.

Alguns trabalhos colocaram fragmentos de livros do autor, como na tese de doutorado de Diniz (2001), intitulada “*Perto do coração - criança: Uma leitura da infância nos textos*”

⁵ Segundo Silva: Comentários de Ziraldo nas orelhas da 1ª edição de *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

de Clarice Lispector” que dentre as frases que destacou colocou uma de Ziraldo “*O homem está no menino, só que o menino não sabe. O menino está no homem, só que o homem o esqueceu*” e no memorial “*Infância: A brincadeira é a essência do desenvolvimento infantil: memorial de formação*” de Niero (2006) que usou um trecho do “*Menino Maluquinho*” como epígrafe na apresentação do seu trabalho.

Há uma tese de doutorado sobre os nomes próprios, de Cunha (2006), cujo título é “*O Processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio*” que citou Ziraldo como um nome incomum; e outra tese sobre a publicidade, moda e política de Bonadio (2005) na sua tese intitulada “*O fio sintético é um show!: moda, política e publicidade (Rhodia S.A. 1960-1970)*” que comentou que Ziraldo trabalhou na empresa Rhodia.

A dissertação de mestrado de Miranda (2006) que trata do SAEB, no ano 2003, intitulada “*O SAEB-2003 no estado de São Paulo: um estudo multinível*” mostra uma avaliação do INEP para alunos de 4ª série que usou um trecho do Menino Maluquinho para interpretação.

Num estudo acerca dos livros paradidáticos, a dissertação de mestrado de Melo (2004) intitulada “*Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar*” cita a tese cujo título é “*O paradidático, esse rendoso desconhecido*” de Ramos (1987) da Universidade de São Paulo, que fez uma análise de alguns livros, dentre eles “*O Menino Maluquinho*”, que será aprofundada posteriormente.

Na área cinematográfica, encontramos a tese de doutorado intitulada “*Distribuição e exibição na indústria cinematográfica brasileira (1993-2003)*” de Gatti (2005), ele estudou as relações econômicas na indústria cinematográfica brasileira com o objetivo de delinear a maneira que se desenvolveu a produção do cinema brasileiro. Citou o filme do Menino

Maluquinho, que segundo ele foi o início do ciclo de produções infanto-juvenis no cinema brasileiro.

Na tese de doutorado cujo título é "*A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento*", Fernandes (2005) investigou os processos envolvidos no uso de imagens na escola, relatando experiências práticas de uso de fotografia em aulas de biologia no Ensino Médio e em oficinas de leitura de fotografias.

Para explicitar os diferentes tempos que a leitura da fotografia têm, ele usou como base a crônica *Vitória*, de Ziraldo:

Ziraldo, na sua crônica *Vitória*, aponta que na leitura de uma foto existimos em dois tempos diferentes: o momento, determinado essencialmente pelos estímulos da visão, que passa enquanto ele se emociona e reflete sobre sua contemplação; e o que está apreendido para sempre, nos gestos dos personagens, que a fotografia pode estimular na memória direta (a foto de um evento vivido) ou indiretamente (se evoca, por algum motivo, algum momento passado pessoal que não está na foto). Destaco um terceiro tempo, ou circunstância: a imaginação, que embora possa ter elementos do momento e da memória, é um evento distinto, pois não se direciona nem ao momento nem à memória diretamente, mas a possibilidades. (p.56).⁶

Finalizando este primeiro conjunto de produções, podemos afirmar que Ziraldo é lembrado e citado em muitos trabalhos, de perspectivas temáticas bastante distintas e diferentes intenções dos autores pesquisados. Ele apareceu como epígrafe, reminiscências de memória de leitura, como símbolo de uma época da ditadura, como recurso emancipador.

2.2- Ziraldo como objeto de estudo e análise

Um outro conjunto composto por apenas três trabalhos: Almeida (2006), Folkis (2004) e Bolfer (2003) tomou a produção de Ziraldo como objeto de pesquisa e análise. São trabalhos de diferentes abordagens teórico-metodológicas, ora centradas nos jornais, ora em obras infantis, ou ainda no estilo criativo de Ziraldo.

⁶ FERNANDES, Hylío Laganá. *A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento*. Campinas, SP, 2005.

A dissertação de mestrado intitulada “*O Pasquim e O Pasquim 21: práticas discursivas jornalísticas de resistência*” de Almeida (2006), por exemplo, trouxe uma análise acerca dos jornais, produções jornalísticas que se nomearam resistentes ao período da ditadura no “*Pasquim*” e no período do início do século XXI, em que Ziraldo foi integrante e diretor do “*Pasquim 21*”. Seu objetivo foi compreender o sentido de resistência e a sua formulação nas duas publicações jornalísticas.

A metodologia utilizada foi a análise de discurso, concluindo que no *Pasquim* o discurso era para ser falado no silêncio, no equívoco da linguagem, enquanto que no *Pasquim 21* era uma busca em se fazer ouvir em meio de tantas vozes.

Utilizou como base de análise, as capas, os editoriais e as cartas aos leitores e concluiu que em relação às capas, na primeira edição a relação do humor com o real é o escapismo em relação do dizer, devido à vigilância e punição, enquanto que na segunda edição, o humor é uma via de contar os acontecimentos, constituição da relação com o humor através do rir.

Em relação à face humorística de Ziraldo, encontramos a tese de doutorado de Folkis (2004) cujo título é “*Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento*”, trata-se de uma análise do discurso humorístico nas piadas de casamento com o objetivo de entender, com a análise desses textos, porque há um mal-estar na relação marido-mulher no contexto do casamento.

O autor dividiu a análise das piadas no período de 1924 a 1954 e de 1999 a 2004 e subdividiu em assuntos, por exemplo: o que dizem as piadas de antigamente sobre os sogros e as sogras.

Um dos itens de análise é o que dizem as piadas infantis sobre o casamento nas piadas de hoje (1999 a 2004). Escolheu entre outros, *As Anedotinhas do Bichinho da Maçã*, de Ziraldo.

As piadinhas do Bichinho da Maçã têm como personagens loucos, bêbados, péssimos professores, conflito entre pais e filhos, piadas de portugueses.

Certamente, ali não aparecem piadas declaradamente sexistas e todas parecem ser politicamente corretas para serem lidas ou contadas para as crianças. Mas, nem por isso deixam de ser, muitas vezes, racistas e preconceituosas. (p.243).⁷

Bolfer (2003) escreveu a dissertação de mestrado intitulada "*Imagens/ Representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação*" com o objetivo de identificar as representações/imagens de professora construídas na literatura infantil, para entender como essas representações constituem a mulher-professora, sua postura e o modelo de escola em que atua.

Tomou como base para abordagem, os pressupostos da História Cultural de Roger Chartier, dado que a representação verbal e visual ganhou um enfoque social e cultural.

Analisou alguns livros de literatura infantil, dentre eles o livro *Uma professora muito maluquinha* de Ziraldo, justificando sua escolha pelo sucesso editorial e da interlocução que estabelece com a criança e o adulto que atua na escola.

Porém há ilhas tanto de resistência contra a burocracia perniciosa e castradora, quanto de inovação. Lembremos, por exemplo, da maluquinha do Ziraldo, símbolo da novidade, ousadia, renovação, mudança. Devemos louvar sua insubordinação como exemplo de busca a utopias, que nos mova rumo a transformações por que devemos ou deveríamos – nós e a nossa escola – passar. De fato, a maluquinha do Ziraldo ousou transgredir os padrões estabelecidos pela escola e comunidade tradicionais, razão pela qual, incompreendida por sua maneira de ser e viver, acabou por ser expulsa e fugiu – romanticamente – com o namorado, deixando somente boas lembranças de sua beleza e didática inovadora. (p.116).⁸

Pode-se dizer que o autor incentivou e entusiasmou as professoras a atuar segundo o modelo construtivista de aprendizagem e que ela é uma professora, que todos deveriam seguir, como um modelo.

Com o objetivo de ampliar nossa pesquisa às Universidades Públicas do Estado de São Paulo, além do site da UNICAMP utilizado até então, fizemos uma nova busca pela internet no banco de dados da UNIBIBLI, que reúne o acervo das três universidades paulistas.

⁷ FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento*. Campinas, SP, 2004.

⁸ BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. *Imagens / Representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação*. Campinas, SP, 2003.

No site: <http://bibliotecas-cruesp.usp.br/unibibliweb>, pela biblioteca da UNESP – Universidade Estadual Paulista, encontramos mais duas produções acerca do autor, uma dissertação de mestrado e um livro.

Os dois trabalhos são de diferentes abordagens teórico-metodológicas. A dissertação de mestrado que está vinculada ao Instituto de Artes, analisou os aspectos visuais e verbais da narrativa de “*Flicts*”, com o objetivo de verificar a compreensão das crianças acerca da obra e das principais mudanças das edições. O livro traz a análise dos quadrinhos de Ziraldo, principalmente, as do personagem Pererê.

A dissertação de mestrado cujo título é “*Flicts, livro de artista*” de Cascarelli (2007), analisou a obra, em suas edições de 1969 a 2006, comparando os processos de reedições da 2ª edição de 1970 da Editora Expressão e Cultura à 57ª edição de 2005 da Editora Melhoramentos, identificando as principais mudanças a partir do projeto gráfico inicial e analisando principalmente sua concepção visual.

Usou uma metodologia qualitativa descritiva, verificou a compreensão da narrativa visual por crianças de oito anos de idade e identificou a fase evolutiva perceptual em que a criança se encontra para realizar a leitura e suas reações durante a leitura. Usou como referencial teórico, os estudos de Jean Piaget sobre o desenvolvimento psíquico da criança, os de L.S. Vigotski para confirmar o uso dos sistemas simbólicos na mediação do indivíduo com o mundo e a linguagem como meio de comunicação e pensamento e Walter Benjamim com reflexões sobre a brincadeira como forma de aprender, do escrever que para segundo esse teórico nasce do desenhar e põe em evidência a afinidade entre signos e as coisas do mundo infantil.

Durante a análise da história da cor que busca seu espaço no mundo, concluiu que a palavra concretiza a imagem, e que juntas elas construíram um sentido.

Essa análise revela o desejo da personagem *Flicts* tornar-se um qualificador de outros sujeitos. Seu desejo é buscar uma forma para poder qualificá-la. Para atingir

esta meta, percebe-se ao longo da narrativa, um percurso de figurativização dessa função almejada, que de certa maneira, revela um percurso de transformação do ator (de criança para adulto): brincar – trabalhar – ser companheiro, ou mesmo adquirir forma por meio de elementos da natureza. Toda a história é construída por imagens que guardam um traço comum com as figuras do mundo natural. A concretização das figuras abstratas fica a cargo do texto verbal. (p.55).⁹

No livro "*A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa*", Cirne (1975), que é considerado o maior estudioso de histórias em quadrinhos, falou exclusivamente de Ziraldo e de Maurício de Sousa.

Seu objetivo foi chamar a atenção para a importância cultural, ideológica e lingüística das histórias em quadrinhos nacionais.

O autor destacou que os quadrinhos são sistemas culturais vinculados aos sistemas de informação, representações do aparelho ideológico do Estado na perspectiva teórica marxista de Althusser e ele analisou a estrutura mitológica, literária, artística, histórica e tipológica do Pererê.

Considerando a situação histórica da criação do Pererê, Cirne acreditou que Ziraldo escolheu um personagem mitológico do folclore brasileiro para se situar no centro dos problemas dos quadrinhos brasileiros.

Citou a obra artística e literária do Pererê como a obra que melhor refletiu os problemas sociais da época, uma maneira de refletir as necessidades culturais do povo brasileiro.

Em relação à estrutura tipológica do Pererê, disse que a revista tinha três componentes criativos atuais: a caracterização tipológica, as onomatopéias e o ritmo de certas histórias que se relacionavam com a realidade social e política. "*No Brasil, Ziraldo foi um que compreendeu a função da onomatopéia, inclusive – como os grandes criadores dos quadrinhos - empregando sua fantasia criativa na estruturação de onomatopéias desconhecidas.*" (p. 47).¹⁰

⁹ CASCARELLI, Cláudia. *Flicts, livro de artista*. São Paulo, SP, 2007.

¹⁰ CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1975.

Ao realizar a busca pela internet no Banco de Dados Bibliográficos da USP Catálogo On-line Global – DEDALUS, no site <http://www.usp.br/sibi/> da biblioteca da USP – Universidade de São Paulo encontramos mais quatro produções acadêmicas que abordaram o autor ou as suas obras. São duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, todas vinculadas à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH.

As pesquisas com diferentes abordagens teórico-metodológicas olharam para as obras de literatura infantil de Ziraldo. Enquanto um pesquisador, Ramos (1987) fez uma análise do personagem “*O Menino Maluquinho*”, outro, Hunhof (2002) queria identificar as características contemporâneas na narrativa de “*Vito Grandam*”. Outra pesquisa, a de Cortez (2001), verificou as diferentes vozes dentro da narrativa do personagem “*O menino mais bonito do mundo*”, relacionando a narrativa ao livro do Gênesis - sobre a criação do mundo, e a busca pela identidade de “*Flicts*” e sua relação com as outras obras de literatura infantil de Ziraldo. “*Flicts*” também foi analisado por Resende (2004) em relação à intertextualidade e os signos.

A tese de Ramos (1987) intitulada “*O paradidático, esse rendoso desconhecido*” traz uma pequena análise do livro “*O Menino Maluquinho*” da edição de 1980. Ela fez uma reflexão sobre o que é leitura, literatura, sobre o material didático e paradidático, o mercado consumidor desses livros e a importância da mediação do professor com esses materiais.

Ao pesquisar quais eram os livros preferidos das crianças, entre vários, “*O Menino Maluquinho*” apareceu em grande número, em séries diferentes, sendo indicado de 3ª até a 7ª série.

Já na dissertação de mestrado de Hunhoff (2002), cujo título é “*Traços de modernidade nas obras infanto-juvenis de Alice Vieira e de Ziraldo*”, serão analisadas as obras “*Vito Grandam*” de Ziraldo e “*Águas de Verão*” de Alice Vieira. O objetivo da pesquisa é saber até que ponto essas obras estão inseridas nas novas tendências narrativas

contemporâneas, modos de narrar esteticamente e não de forma utilitária, são desconstruções da linearidade da história.

Ao analisar "*Vito Grandam*" de Ziraldo, a pesquisadora verificou que a personagem narradora está caída num buraco, cheia de dúvidas sobre seu resgate. Vito Grandam decide naquele momento ser escritor e passa a contar sobre sua infância, e os momentos marcantes de sua vida. A queda no buraco é rica em significados, é mais que um vazio, é um caminho para a reflexão e as idéias.

Nas obras *Vito Grandam* e *Águas de Verão*, Ziraldo e Alice Vieira conseguem juntar um rico manancial fabular, material inventivo, repleto de fatos muito próprios à natureza humana, principalmente ao adolescente que procura afirmar-se como ser integral, constituindo histórias cheias de aventuras, frustrações e buscas. A trama que constitui as construções narrativas é um constante ir e vir, entre o presente e o passado, este evocado pelas lembranças da personagem-narradora, o que leva o leitor a constantes reflexões; podendo as personagens narradoras serem classificadas como autodiegéticas, pois, declaram-se responsáveis por uma atitude narrativa específica: relatam fatos ocorridos com elas mesmas, fruto de suas próprias experiências como personagens centrais da obra. Isso se comprova também na forma como organizam o tempo e manipulam diversos tipos de distâncias. (p.36)¹¹

Hunhoff (2002) acredita que esses autores, Ziraldo e Alice Vieira, escreveram obras inovadoras, porque apresentaram uma nova forma de questionar a existência, de apresentar a narrativa aos leitores que não tem linearidade temporal e espacial.

Para Hunhof, o romance de Ziraldo tem uma estratégia discursiva que leva a personagem-narradora a girar sobre si mesma, uma tática para fugir do conto tradicional, que é linear, ou para mostrar como são os pensamentos, que têm movimentos imprevisíveis.

Tanto Ziraldo quanto Alice Vieira recorrem com frequência a inúmeras metáforas, imagens, analogias, citações, que no seu conjunto revelam uma forma de pensamento, uma visão de mundo. Pensamento tecido nas malhas da alusão e que se move nas dobras da linguagem, ampliando e instaurando o diálogo entre o conhecimento e a verdade, a sensibilidade e o entendimento, a razão e a paixão, desafiando o homem a construir uma outra compreensão de si próprio. (p.83).¹²

¹¹ HUNHOFF, Elizete Dall' Comunc. *Traços de modernidade nas obras infanto-juvenis de Alice Vieira e de Ziraldo*. Tangará da Serra, MT, 2002.

¹² Idem

Uma outra pesquisa, de Cortez (2001) investigou as relações existentes entre palavra e imagem. Em sua dissertação de mestrado intitulada "*Palavra e imagem: diálogo intersemiótico*", ela analisou quatro obras da literatura infantil brasileira: "*Nós*" de Eva Furnari, "*Chiquita Bacana e as outras pequenitas*" de Angela Lago, "*O menino mais bonito do mundo*" e "*Flicts*" de Ziraldo.

Para essa pesquisadora, "*O menino mais bonito do mundo*" permite estabelecer uma relação do texto com o livro Gênesis, que trata da criação do mundo. A confirmação dessa relação vem quando o nome do menino é revelado como Adão, já no interior da obra. "*O menino mais bonito do mundo*" é uma releitura do mito da criação do mundo através dos olhos do homem, não por Deus proposta por Ziraldo.

Cortez (2001) destaca que na obra, a autoria da criação pode ser problematizada através dos enunciados:

A dúvida também é instaurada pelo enunciado, talvez (vai ver) fosse o próprio menino que dizia e, portanto, fazia (criava) a própria natureza. Aqui, percebe-se uma corrente de pensamento que acredita que a criação depende do próprio ser humano e não de um ente divino. *O menino mais bonito do mundo* problematiza essa questão, mas não soluciona e para a análise semiótica fica a questão: quem é o sujeito do fazer no ato da criação?(pág. 95)¹³

Na análise da obra "*Flicts*" de Ziraldo, Cortez narra sem enredo: Flicts é uma cor que é triste e rara, que não tem uma função no mundo, por isso sente-se triste, feia e frágil. Ele deseja existir, mas para que isso aconteça, tem que aceitar o mundo.

A pesquisadora concluiu que todo o percurso feito por Flicts foi de inclusão e exclusão, que pode ser associado ao agrupamento e isolamento, espaço preenchido e espaço vazio, letras sobrepostas e letras não sobrepostas às cores. Toda a obra integra o verbal e o visual, juntos ambas as linguagens construíram o sentido da obra.

Com o objetivo de entender com instrumentos teórico críticos a pluralidade na literatura ziraldiana, Resende (2004) escreveu a tese intitulada "*Ziraldo e o livro para*

¹³ CORTEZ, Mariana. *Palavra e imagem: diálogo intersemiótico*. São Paulo, SP: [s.n.] 2001.

crianças e jovens no Brasil: Revelações poéticas sob o signo de Flicts e reflexos prismáticos em obras de autores de língua portuguesa”.

Sua análise principal foi também sobre “*Flicts*”, e a relação dessa obra com as outras obras de Ziraldo e de autores portugueses e brasileiros. Ela considerou que *Flicts* foi um marco na produção literária infantil brasileira e que as tendências contemporâneas são alinhadas ao modo de produção dessa obra.

A base teórica que utilizou foi Manguel, Georges Jean, Roger Chartier e Bakhtin. A autora acredita que após o livro *Flicts* surgiu uma nova consciência tipográfica, que abrange a junção verbal, visual e gráfica:

A partir de *Flicts* o livro infantil brasileiro avança em termos de experimentação; redimensiona-se a concepção gráfica desse objeto e também da leitura. Torna-se necessário atualizarem-se os instrumentos de recepção do leitor, que deve passar da percepção fragmentária (que separa o texto verbal e ilustrações em leituras independentes, justapostas), linear (que lê apenas em linha reta horizontal, em andamento sucessivo) e predominantemente lingüística (supremacia da palavra para a construção dos significados) a um olhar semiótico (aberto à interposição de códigos, ao acasalamento de signos, geradores da leitura em mais de uma direção). (p.19).¹⁴

Quanto à intertextualidade, *Flicts* pode ser relacionado com *O patinho feio* de Hans Christian Andersen, pois nas duas obras a busca é pela identidade, a rejeição causa grandes sofrimentos. *O patinho feio* encontrou a felicidade ao encontrar seus iguais, porém *Flicts* atingiu uma dimensão universal, cósmica, ficou a critério do leitor se é um final feliz.

Nenhum desses feitos contemplaria a tensão criadora, decorrente da sobreposição de planos ambivalentes, mantidos também pelo hibridismo do sistema verbo-visual-gráfico no intertexto. A polissemia do discurso incrementa-lhe o poder de sugerir, de polemizar, de provocar o leitor para desfechar sentidos, descobrindo textos veladamente evocados e transformados, analogias implícitas, contradições não explícitas, enfim, duplicidades. (p.117)¹⁵

Resende (2004) concluiu que:

Nesses termos, identificamos na visão e na linguagem ziraldianas a consonância com a síntese e a multiplicidade, decorrentes do pensamento complexo contemporâneo. Alinhamos às tendências de relações inter-semióticas, que definem

¹⁴ RESENDE, Vânia Maria. *Ziraldo e o livro para crianças e jovens no Brasil: Revelações poéticas sob o signo de Flicts e reflexos prismáticos em obras de autores de língua portuguesa*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004

¹⁵ Idem

o estilo de livro/literatura de Ziraldo, alguns autores de literatura infantil e juvenil brasileira e portuguesa que se situam a partir da década de 70. O questionamento que dirigimos a causas que suportam a diversidade do público de Ziraldo encontrou justificativas no estilo plástico, simultaneísta e multifacetado, que lhe é peculiar. Estas características concorrem para a riqueza da sua literatura, onde se processa o diálogo fértil entre os signos que contribui para a abertura nas relações com os receptores. Deduzimos que a sintonia com os seus livros pode ocorrer no tempo mesmo da infância ou, às vezes, ficar reservada para mais tarde. No estágio adulto, os leitores certos são aqueles que não perderam vínculos lúdicos com o passado e com o presente, mantendo viva, na alma do homem, conteúdos mágicos da Criança. (p.227)¹⁶

2.3- Considerações

As produções acadêmicas encontradas abordaram diferentes obras de Ziraldo, em também distintas abordagens teórico-metodológicas, com objetivos bastante diversos entre si.

Se olharmos e compararmos o lugar de produção desses trabalhos, podemos destacar que na UNICAMP, o interesse das pesquisas são pelo aspecto jornalístico, humorístico, além de literário desse autor. São análises das diferentes edições dos jornais “*O Pasquim*” e “*O Pasquim 21*”, do aspecto das piadas de casamento na obra “*O bichinho da maçã*” e dentre de suas obras voltadas para o leitor infantil está o “*Menino Maluquinho*”. Na UNESP as duas pesquisas tratam da sua produção em quadrinhos, como o da “*Turma do Pererê*” e a obra literária “*Flicts*”. Já na USP, todos os trabalhos tomaram os aspectos literários como centralidade da investigação e voltaram-se para as obras “*Menino Maluquinho*”, “*Vito Grandam*”, “*O menino mais bonito do mundo*” e “*Flicts*”.

A universidade que possui mais produções acerca de Ziraldo é a USP, e suas produções são foram o aspecto literário do autor, enquanto que na UNICAMP temos produções que abordaram aspectos diversificados.

Entre as obras identificadas como literatura infantil, verificamos que o “*Menino Maluquinho*” foi analisado tanto pela UNICAMP quanto pela USP.

¹⁶ Idem

“*Flicts*” é a obra que reúne o maior número de pesquisas, no total três em torno dela. Embora com enfoques teórico-metodológicos distintos, foi analisada pela UNESP e USP, e citada em uma pesquisa da UNICAMP.

Através da leitura dessas produções acerca de Ziraldo, podemos concluir que ele é considerado um marco nacional, sendo objeto de estudo porque é um artista multifacetado.

É preciso destacar que, no conjunto de pesquisas identificadas por mim, não foi encontrada nenhuma acerca do “*O ABZ do Ziraldo*”. Por que uma coleção que poderia ser lida pelos professores em trabalho de sala de aula não foi ainda alvo de investigação? Será que esta Coleção recebe da crítica especializada o título de literatura? Será que esta Coleção não provocaria interesse pelas crianças? Causa-nos espanto essa lacuna porque essa Coleção com um título didático, que trata das letras do alfabeto, de forma lúdica e divertida é praticamente ignorada pela escola.

Resende (2004) em sua pesquisa cita, de forma bastante rápida, essa Coleção, alertando para a importância de um estudo sobre a obra:

Na coleção ABZ (Melhoramentos,1990), Ziraldo particulariza a identidade das letras, explorando peculiaridades tipográficas, tornando patente o potencial sensório-semântico de cada uma. Na leitura dos 26 livros o leitor descobre afinidades artísticas do autor, concepções estéticas, relacionamento pessoal com as fontes de escrita, da imagem, intertextualização de obras lidas. Uma edição primorosa, lançada em 2003 pela mesma Melhoramentos, reúne todas as estórias e histórias das letras sob o título *O ABZ do Ziraldo*; é um livro de arte (capa dura, papel couchê, capa requintada, com belas imagens e título em dourado), que dá alto padrão estético à morada das 26 letras, superando em valor gráfico-visual os livros editados, em separado, anteriormente. (p.21-22).¹⁷

¹⁷ Idem

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A Coleção ABZ foi lançada pela Editora Melhoramentos na década de 90, com vinte e seis livrinhos que contavam a história de cada letra do alfabeto. Em 2003, por decisão editorial, as histórias foram organizadas em um único livro. Este está em um formato de 40x20 cm, traz como tema as letras do nosso alfabeto num livro. São histórias que contam as aventuras, os questionamentos e os sentimentos de cada uma das letras, escritas e ilustradas por Ziraldo.

A capa da edição de 2003 é dura e bonita, feita com material de qualidade provavelmente mais duradoura ao manuseio do leitor. O título “*O ABZ do Ziraldo*” está na capa de cor azul, com letras douradas. O nome de Ziraldo está na forma da assinatura manuscrita do escritor.

Abaixo do título temos ilustrações de todas as letras do alfabeto, que não são as mesmas que se encontram no interior do livro. A letra A, B e Z, são maiores que as demais, num jogo que remete ao nome da Coleção. O B está no meio das letras, formando na diagonal, com a junção do A e Z o ABZ do título. As outras letras estão dispostas na horizontal, na seqüência da ordem alfabética por toda a capa.

As ilustrações de cada letra na capa desta edição são as mesmas que acompanham o projeto editorial dos anos 90, em que cada letra aparecia em um pequeno livro de no máximo 30 páginas.

As páginas são feitas de papel couché, um papel tratado, que ganha um revestimento para tornar sua superfície mais lisa e uniforme para receber cor. Este material é muito conhecido pelos leitores de livros de literatura infantil, em projetos editoriais mais sofisticados e que visam um leitor diferenciado.

Na página de rosto novamente o está o título da Coleção tal como aparece na capa com acréscimo em letra de cor preta e tamanho menor a seguinte afirmação: “*Textos, poemas e*

ilustrações do autor". Na parte superior da folha estão ilustradas as letras ABZ, igual à imagem da capa da coleção, impressas em marca d'água.

O Sumário se encontra atrás da primeira página. Ele está localizado ao lado esquerdo da folha e está organizado pelos títulos de cada história seguida do número da página em que se encontra. Pelo Sumário, além das histórias, as páginas indicam a Apresentação do livro e o Glossário.

Interessante notar a estratégia editorial de incluir um vocabulário em um livro identificado pela ficha catalográfica como de "literatura infantil". Para uma obra que deveria ser lida como fruição, a presença do Glossário dá a ela uma aparência didática, pedagógica.

O Glossário separa as histórias, porém nem todas elas o possuem. Nele alguns termos utilizados no texto são explicados. Também traz referências sobre algumas imagens, pinturas, poemas, personagens que Ziraldo utilizou de outros livros ou colaborações que teve de outros artistas.

No glossário Ziraldo explica sobre "*As desventuras de Mr. W*" que trocou a posição de alguns quadros para os leitores encontrarem a letra W neles. O último quadro que ele colocou foi porque Ziraldo acredita ser o mais bonito do mundo, assim ele comenta e explica as histórias.

A apresentação é escrita pelo próprio Ziraldo. Nela, o autor contextualiza o seu processo de criação.

Ziraldo comenta que se lembra de quando era pequeno, que sua mãe contava histórias sobre a forma das letras: "*Ela me contava, com o lápis sobre a página do caderno, que um menino subia o morro, chegava no alto, descia, mas outro menino tinha chegado lá embaixo primeiro, por um caminho mais curto : "sobe, desce, corta", ela me dizia, construindo o A.*" (p.3)¹⁸

¹⁸ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

Esta referência de Ziraldo a um momento de sua infância, considerado por ele como prazerosa e singular se aproxima dos gestos pedagógicos de professores que contam ou recitam versos para ensinar o traçado das letras às crianças. Por outro lado, esse momento para o autor que ao lado da mãe que desenha e conta histórias, ganha significado que constituirá segundo ele a criação desta Coleção.

As letras povoavam a sua imaginação, e recria a história de cada letra, inventando sobre o que a própria mãe contara.

Embora seja um livro que tematiza o abecedário, diferentemente de outros que circulam no mercado editorial, por exemplo como a Coleção Mico Maneco de Ana Maria Machado (1988), o Ziraldo não traz explicitamente o objetivo de alfabetizar. *"Muita gente acreditou, pelas letras nas capas, que se tratavam de livrinhos para alfabetização. Não eram. Eu estava querendo era fazer literatura para crianças"* (p.3)¹⁹. O livro é um convite ao leitor para uma obra de literatura infantil.

Em outra página Ziraldo dedica o livro a autores conhecidos pelo público em geral e também para pessoas de sua família em letras bem pequenas, em duas colunas, vários nomes estão colocados. As dedicatórias vêm só com o primeiro nome, indicando uma certa intimidade entre Ziraldo e eles. Algumas vezes, ele explica o porquê de colocá-los. *"Para Alfredo e Alfredo, e para Victor Hugo, Cecília Meirelles, Orígenes Lessa, Mário Quintana, Ruth Rocha e Elza Beatriz, que, antes de mim, descobriram a alegria de brincar com as letras e fazê-las vivas, de verdade."* *"Para Nina, minha neta, naturalmente."*

Nas últimas páginas do livro, após o glossário, aparece um poema que Daniela Thomas escreveu para seu pai, Ziraldo. Nele ela conta sobre o processo de criação de seu pai, sobre a quantidade de livros que ele consultou para escrever essa coleção, como ele é um artista multifacetado e a felicidade em saber que as crianças e os adultos como ela poderão se

¹⁹ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

transformar como crianças novamente.

“Papai passarinho. A casa anoitece numa assoviação que só na floresta. Ele cria é assim: cantando, assoviando, batendo o pé no chão, a sandália estalando no assoalho. Ele é orquestra inteira. E tem mais o pintor, o professor maluco, o cientista, o desenhista, o filósofo, o mágico, o arquiteto, o malabarista e o palhaço em volta da prancheta dançando, rodando, datilografando, rabiscando, colorindo, falando. Os livros dessa coleção, então, nossa mãe, que sinfonia! Faz tempo que o estúdio anda coalhando de letras, uma papelada, um mundo de livros de consulta de enciclopédias, de livros de arte, o som da máquina de escrever a mil, varando a madrugada.” (p.282)²⁰

Para Daniela, o livro é uma sinfonia – consonância perfeita de vozes e sons - e o pai, um artista.

A última página é uma pequena biografia do autor, fala da sua carreira multifacetada, da sua luta contra a ditadura, sua produção voltada para a literatura infantil, sua fama e reconhecimento nacional e internacional. Nessa biografia não está identificado o seu autor e não tem fotos de Ziraldo, provavelmente texto escrito pelos editores desta edição.

Ivo Barroso²¹, em um texto na 4ª capa do livro, conta que acompanhou o desenvolvimento do livro, e que ele concorre para ser uma enciclopédia, coleção de histórias, em que os personagens adquirem a amplitude de heróis. O livro além de divertir, introduz o leitor nas artes plásticas e famílias tipológicas: *“Este é o maior livro de literatura infantil de todos os tempos! Maior em vários sentidos: maior pelo número de páginas, maior pela riqueza das ilustrações, maior pela inventividade do texto e maior porque, sendo um livro para menores, será disputado valentemente pelos maiores da casa.”*

3.1- Sobre as histórias

Neste projeto editorial da ABZ, as histórias de cada letra, que na outra edição vêm em

²⁰ Idem

²¹ Ivo Barroso é poeta, ensaísta e tradutor. Nasceu em Ervália, Minas Gerais. Traduziu cerca de 40 livros, sendo quatro de poesia: Os Sonetos, de Shakespeare; Os Gatos, de T. S. Eliot; Diário Póstumo, de Eugenio Montale e Hipóteses de Amor, de Annalisa Cima. Reuniu traduções de poemas esparsos na antologia O Torso e o Gato. Traduziu a obra completa de Arthur Rimbaud.

livros separados, estão colocadas uma a uma, contínuas, sem separação por capas. Os títulos de cada história ficam na parte superior da folha, como chamadas para um “capítulo” da obra. Os títulos trazem cores diferentes, porém o tamanho e o formato das letras são padronizados em todas as histórias.

Em relação ao enredo das histórias, colocamos nos anexos um resumo da história de cada letra do alfabeto, na ordem alfabética.

A leitura dessas histórias permitiu construir algumas categorias, aproximando aspectos que eram recorrentes ou que se destacavam como recursos estilísticos nesta Coleção. São elas: intertextualidade, humor, *non sense*, meta-ficção, o jogo do ensinar, conflito narrativo, jogo imagem e palavra e histórias em gêneros discursivos diversos.

3.2- Intertextualidade

Neste livro, Ziraldo faz uso em diferentes histórias da intertextualidade, isto é, convoca para o seu próprio texto, outros textos, em um processo dialógico em que tempos, lugares e personagens se misturam.

É o caso, por exemplo, da história “*H- nosso herói*”, ele mostra que a letra H parece uma ponte de seguro e firme, que sempre viveu nos livros, com uma letra H capitular decoradíssima. Ziraldo explicou no glossário que essas ilustrações são de Gustavo Doré, do livro de “Dom Quixote”, de Cervantes.

Também há um jogo de intertextualidade na “A história do A” entre imagem e texto, pois Ziraldo utilizou desenhos que complementaram o texto, como quando ele falou sobre Adão e a criação do mundo. A ilustração da letra A maiúscula no meio de uma mata, com uma folhinha no seu tracinho sugere a figura de Adão.

A intertextualidade é construída entre os próprios personagens dos livros desta Coleção, eles reaparecem em uma história ou em outra.

Um exemplo desses personagens que aparecem em mais de uma história, é o Mr. P que está nas histórias “*A dieta do D*” e “*As desventuras de Mr.W.*”. Ele é comparado com o personagem Sherlock Holmes porque “*o P se parece com um cachimbo ou uma lupa – uma lupa ou uma lente- os principais acessórios de um sherlock competente.*” (p.38)²²

Personagens são comparados a personagens conhecidos da nossa literatura como no “*ABC do B*” que Bia Capuleto e Bernardo Montéquio se apaixonam e vivem um amor proibido assim como Romeu e Julieta de William Shakespeare. A diferença é que no final eles não morrem, pois Bia diz: “*Morrer não se usa mais. Vamos viver para a Vida que tudo termina em paz.*” (p.23)²³

“*O pequeno P*” é um personagem da história do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. São os sentimentos e incertezas de um personagem em relação ao autor do texto.

Na história “*Um Q todo especial*” Ziraldo utilizou personagens de livros conhecidos para acrescentar na busca do Q, como Buendía e o menino com rabinho de porco de “*Cem anos de solidão*” de Gabriel Garcia Marques e o gato Gus, que vem do poeta inglês T.S. Eliot no livro “*O manual dos Gatos*”.

Também encontramos intertextualidade com determinados gêneros textuais. É o caso dos contos de fadas. Na Coleção todas as histórias começam com um título próprio e com a expressão “Era uma vez...” própria dos contos de fadas.

Há intertextualidade criada com uma obra brasileira, como por exemplo na “*A história do i que engoliu o pinguinho*”, em que aparece um poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “*Memória*”, publicado no livro *Claro Enigma* em 1951. O poema é convocado para dar dica de que o ponto final desse texto que poderá salvar o I: “*Amar o perdido deixa*

²² Idem

²³ Idem

confundido este coração. Nada pode ser olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.” (p.95)²⁴

Várias histórias podem ser comparadas a histórias ou fatos conhecidos que provocam o leitor para sentidos dados nesta intertextualidade, como:

Na história da letra G, “*O G é um gênio*”. Nela, o G é comparado ao Albert Einstein, sua genialidade vem da língua para fora, assim como na foto mais conhecida deste cientista. “*Uma das letras presentes olhou o G com atenção reparou naquela letra com a língua dependurada e gritou para a cambada: “Esse aí é um G de gênio!”*. E estava certa a danada, pois como todos já sabem – não estão aprendendo agora- gênio é um velhinho simpático botando a língua pra fora.” (p.75)²⁵

A letra H na sua história “*H- nosso herói*” é comparada com Sansão da Bíblia, já que é um herói e tem sua força no cinturão como Sansão tem nos cabelos.

“Vocês já ouviram falar de um tal Sansão? Um herói da velha Bíblia um vencedor que vencia os filisteus seus inimigos? Pois no que cortou o cabelo, adeus, Sansão! Sua força toda estava nos seus cabelos que cortados por Dalila o derrotaram. Os heróis são sempre assim misteriosos. Sua força jamais se sabe onde é que está. Pois a força de Henrique, sua coragem, vem da magia que tem seu cinturão.” (p.80).²⁶

Esse é o trecho da Bíblia que expõe a parte que Dalila convence Sansão a entregar o segredo de sua força, e que ele é entregue aos seus inimigos por ela.

“¹⁵Então ela lhe disse: Como dirás: Tenho-te amor, não estando comigo o teu coração? Já três vezes zombaste de mim, e ainda não me declaraste em que consiste a tua força.¹⁶E sucedeu que, importunando-o ela todos os dias com as suas palavras, e molestado-o, a sua alma se angustiou até a morte. ¹⁷E descobriu-lhe todo o seu coração, e disse-lhe: Nunca passou navalha pela minha cabeça, porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe; se viesse a ser rapado, ir-se-ia de mim a minha força, e me enfraqueceria, e seria como qualquer outro homem. ¹⁸ Vendo, pois, Dalila que já lhe descobrira todo o seu coração, mandou chamar os príncipes dos filisteus, dizendo: Subi esta vez, porque agora me descobriu ele todo o seu coração. E os príncipes dos filisteus subiram a ter com ela, trazendo com eles o dinheiro. ¹⁹Então ela o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo, e retirou-se

²⁴ Idem

²⁵ Idem

²⁶ Idem

dele a sua força.²⁰ E disse ela: Os filisteus vêm sobre ti, Sansão. E despertou ele do seu sono, e disse: Sairei ainda esta vez como dantes, e me sacudirei. Porque ele não sabia que já o SENHOR se tinha retirado dele.”²⁷

Na história da letra L intitulada “*As viagens de L*” é uma narrativa do livro “Viagens de Gulliver” do ponto de vista das botas, que tem o formato de L, do médico cirurgião doutor Lemuel Gulliver, protagonista da história. “*Ah...parece que esquecemos de contar que na aventura deste belo livro nós éramos as botas do herói: Doutor Lemuel Gulliver, cirurgião.*” (p.123)²⁸. É um exemplo de intertextualidade entre uma história e um clássico da literatura.

Uma das ilustrações dessa história é uma praia, que apareceram muitas letrinhas desenhadas na areia, elas são muito pequenas perto dos dois L, essa ilustração pega $\frac{3}{4}$ da página.

Segue a história com as letrinhas pequenas prendendo as duas letras L. A próxima ilustração é de duas letras L em terra firme e livres, as ilustrações seguem com elas caminhando e nadando. É um exemplo de que a ilustração traz informações que não estão explicitadas no texto verbal, mas que remete para uma intertextualidade.

Outro exemplo de intertextualidade entre imagens nessa história é quando na última página da história tem a ilustração do livro de Jonathan Swift, intitulado “*As viagens de Gulliver*”.

“*A letra N e o nascimento da noite*” é uma história que se passa enquanto é construída a Torre de Babel, uma narrativa do Gênesis, na Bíblia. Essa narrativa tematiza a diferença entre as línguas e as raças humanas e Ziraldo utilizou dessa mesma história para contar a origem da letra N e do número 8. Nela, ambos se apaixonaram e é na junção deles que surge a palavra “noite”, que ele explica em várias línguas.

“Um dia muito, muito mais tarde, os homens que Deus havia criado resolveram construir- num lugar chamado Babel-uma torre muito alta para, com ela, chegar ao Céu e, com isto, fazer a glória dos homens. Deus achou que não era bom! Os homens estavam ficando muito orgulhosos, vaidosos demais. Deus então, decidiu

²⁷ JUÍZES 16, 16-20

²⁸ PINTO, Ziraldo Alves. **O ABZ do Ziraldo**. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

que ia aplicar-lhes um grande castigo. Até hoje todos pensam que essa foi a coisa mais importante que aconteceu na Torre de Babel naquele dia. Não foi. E é esta mágica história que aqui se vai contar.”(p.142)²⁹

“Com a luz da tarde e da manhã- todos se lembram, pois já foi dito aqui (e no Gênesis!)- Deus fez primeiro o dia. Noite não fez!!! Pois é. Foi muito, muito depois, naquela clara tarde na Torre de Babel- no meio de mil palavras novas- que, pela primeira vez, o dia escureceu: no exato momento em que N beijou o Oito a Noite nasceu!!!” (p.150)³⁰

O trecho da Bíblia, na parte de Gênesis, que explica sobre a Torre de Babel e a mistura de línguas pode indicar o quanto Ziraldo parece ter se inspirado para criar “*A letra N e o nascimento da noite*”:

“⁴E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.⁵ Então desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam;⁶ E o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. ⁷ Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. ⁸ Assim o SENHOR os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. ⁹ Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra, e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra.”³¹

“*R-a princesinha*” é uma outra história de uma letra que também cria intertextualidade. Ela remete a história da “*Pequena Sereia*”, um conto de Hans Christian Andersen. Em ambas as histórias as personagens-protagonistas se apaixonam por um ser diferente e são obrigadas a entregar sua voz à feiticeira para poder ficar perto do amado. Nas duas histórias elas não conseguem conquistar o amado. Suas irmãs, vendo que o destino da irmã caçula seria a morte, fazem um trato com a bruxa: a irmã tem que matar o seu amado para sobreviver. Mais uma vez sem sucesso, as personagens morrem, se tornando espuma do mar, abdicando de sua própria existência pelo grande amor que tinham.

Esse é um trecho da história original:

“- Se não conseguir conquistar o amor do príncipe, se não fizer que ele esqueça seu pai e sua mãe por você, se ele não vier a adorar você com todo o seu ser e não casar com você, nada de alma imortal. Se ele casar com outra pessoa, na primeira manhã depois do casamento seu coração vai se partir ao meio e você vira espuma na água.

²⁹ Idem

³⁰ Idem

³¹ Gênesis 11, 4-9

- É esse o meu desejo- disse a sereiazinha, mortalmente pálida.
- Além disso você vai ter que me pagar- disse a bruxa- E não pense que é qualquer coisinha. Em todo esse imenso fundo de mar, a voz mais linda é a sua. Você acha que consegue seduzir o príncipe com ela, mas vai ter que me dar sua voz. Em troca de minha poção preciosa, quero a melhor de suas coisas. Vou ter que usar meu próprio sangue na poção, você entende, para que ela fique no ponto, eficaz como uma espada de dois gumes.” (p.81)³²

Nesse trecho no ABZ de Ziraldo:

“- E tem mais - a bruxa continuou falando. – Tu vais perder a voz. Eu fico com ela como pagamento pelos meus serviços. Serás uma letra muda. – Ela falava e dava gargalhadas. – Se teu príncipe não te amar do mesmo jeito que tu o amas, tu sofrerás mais ainda.... –Se ele se casar com outra, aí, minha filha, tu desaparecerás. Tu deixarás de ser uma letra e virarás apenas um sinal, algo assim como uma espuma do mar.” (p.194)³³

Já a história da letra S, intitulada “*O S feinho*” é uma analogia a história do “Patinho Feio” também do escritor Hans Christian Andersen. Nela, ao invés de cisnes e patos, a história fala da letra S, feia, desajeitada e rejeitada.

Esse é o trecho da história do S feinho:

“Só no verão me chega a primavera!” – dizia ela com fervor fecundo- os seus filhos descobrindo o mundo e perguntando-lhe o que o mundo era! “Só o quintal aí?” Não era, não. Ela explicava que era vasto o mundo que ia além do quintal do São Raimundo (ainda que não fosse a solução.” (p.202)³⁴

E no conto original de Andersen:

“-Uau! Como o mundo é grande! – diziam todos os patinhos. Afinal até aquele momento eles só tinham conhecido o aperto lá de dentro do ovo.
-Vocês acham que o mundo é só isso?- perguntava mamãe pata- o mundo vai longe, vai até depois do final do jardim, vai até os campos do padre.” (p.106)³⁵

Na história “*Todos com T*” a letra T é comparada com Jesus Cristo. O texto apresenta a letra T carregando sua cruz sem saber para onde ir, evanescendo-se e deixando que as pessoas possam sentir sua falta depois de sua morte. A última ilustração mostra um T como se fosse a imagem do Cristo Redentor, da cidade do Rio de Janeiro - Brasil.

³² ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. *Histórias Maravilhosas de Andersen*. Compilado por Russel Ash e Bernard Highton, Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, SP. Companhia das Letrinhas, 1995.

³³ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

³⁴ Idem

³⁵ ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. *Histórias Maravilhosas de Andersen*. Compilado por Russel Ash e Bernard Highton, Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, SP. Companhia das Letrinhas, 1995.

A história da letra V pode ser lida como inspirada no romance de Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach, onde uma gaivota de nome Fernão, decide que voar não deve ser apenas uma forma para a ave se movimentar. A história desenrola-se sobre o fascínio de Fernão pelas acrobacias que pode modificar, e em como isso transtorna o grupo de gaivotas do seu clã. É uma história sobre liberdade, aprendizagem e amor, assim como os “*Os vôos de V*”.

Na história “*O Y e o mar*” também ocorre intertextualidade entre personagens quando ele explica que o Y era um marinheiro que só navega nos livros, nas aventuras, no mar de Ulisses e Jonas, personagens da mitologia grega, como apenas uma letra, ela habita pensamentos e se chama Ypissilone.

Com elementos bíblicos, de literatura americana, colombiana, espanhola, irlandesa, dinamarquesa, mitos gregos e poemas brasileiros conhecidos, Ziraldo construiu suas histórias. Essa interlocução com outras histórias é confirmada por Resende (2004):

“Há outros livros da coleção ABZ em que o eixo dialógico instaura a relação estreita com clássicos da literatura e com autores cujas obras foram lidas por gerações e gerações. Citando alguns pares: R, a princesinha e A pequena sereia, de H.C. Andersen; Os vôos do V e Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach (na história da letra V, a intertextualidade abrange também o poema “Cântico negro”, de José Régio, e a canção “Imagine”, de John Lennon); As viagens de L e Viagens de Gulliver, de Jhonathan Swift; O pequeno p e O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry.

Fica reservado ao trabalho de Ziraldo uma carga polissêmica especial, porque o sentido produzido no processo intertextual decorre do entrosamento de signos verbais e não verbais, como temos reiterado. Assim, a releitura que ele realiza condensa campos semióticos distintos - lingüísticos, diagramáticos, tipográficos, plásticos, imagísticos-, muitas vezes transfundidos pela simultaneidade.” (p.231-332)³⁶

³⁶ RESENDE, Vânia Maria. *Ziraldo e o livro para crianças e jovens no Brasil: Revelações poéticas sob o signo de *Flicts* e reflexos prismáticos em obras de autores de língua portuguesa*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004

3.4- Humor

Outra característica que encontramos na obra de Ziraldo é a produção do humor. No decorrer da leitura das histórias, você encontra enredos e ilustrações tão inesperadas, inusitadas que lhe provocam o riso. A concepção de humor para Ziraldo:

É uma forma criativa de analisar criticamente, descobrir e revelar o homem e a vida. É uma forma de **desmontar** [grifo do autor], através da imaginação, um falso equilíbrio anteriormente criado pela própria imaginação. Seu compromisso com o riso está na alegria que ele provoca pela descoberta inesperada da verdade. Não é a verdade que é engraçada. Engraçada é a maneira com que o humor nos faz chegar a ela. O Humor é um caminho! (Ziraldo,1970)³⁷

Um exemplo de humor que encontramos pode ser encontrado na história do “*O ABC do B*”. No final da história Ziraldo colocou a letra B maiúscula com duas letras B minúsculas na parte de baixo da letra, para simbolizar que a letra B estava grávida de um bebê. A cor, o tamanho, o formato do desenho da letra lhe dão um aspecto barrigudo, de gravidez, mas com um ar engraçado, bem humorado.

Outro exemplo de humor está na “*A dieta do D*”. Nessa história, Mr. P deduziu que o D era o sujeito que comia as letras dos livros, pois se você o deitasse de costas, ele pareceria uma cobra que engoliu um elefante, no entanto, se o virasse para cima ele pareceria um caldeirão daqueles de cozinhar caçadores. Para comprovar o fato, Mr. P fez um raio X e fotografou a barriga do D (lá estavam todas as letrinhas). As letras resolveram fazer uma assembléia para solucionar o caso, porém a letra D nunca fazia uma dieta. Foi então que numa certa noite, Alfredo Balduco teve uma idéia que salvou o alfabeto, e assim nasceu a sopa de letrinhas.

Para destacar a sopa de letrinhas, ele ilustrou uma tigela com uma concha. A letra D está no final da página, com a língua para fora, como se estivesse com fome. Essa ilustração final acentua ainda mais o aspecto humorístico da história onde uma letra é canibal.

Na história “*Todos com T*” a letra T é muito simpática e vive de braços abertos, como

³⁷ PINTO, Ziraldo Alves. *Ninguém entende de humor*. In: *Humorismo levado a sério*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v.64, n.3, p.21-37, abr.1970.

se esperasse para um abraço. Todos a chamam de Tamos-aí. As letras acham que o T não produz nada, que ele tem que se tornar útil para a comunidade. O T explica que ele sempre sorri para as pessoas, as abraça, e que isso as deixa felizes. Não contentes com essa função, as outras letras resolveram fazer um teste vocacional para descobrir a verdadeira vocação do T. Pelas idéias dadas pelas outras letras, o texto se torna engraçado. Pelas características físicas do T as letras acreditam que ele deveria trabalhar de espantalho e escolhem um campo bem longe, onde o T não pode deixar as aspas descerem sobre nenhuma palavra plantada, porque as aspas são como pragas, mudam o sentido do texto, o significado e até o autor.

Mas como T não leva jeito de espantalho, ao invés dele dizer xô para as aspas, ele diz Tamos-aí, que é o que ele sabe fazer. As aspas tomam conta da plantação, e ele é mandado para outro lugar. Torna-se guarda de trânsito, para tomar conta de uma esquina, e não deixar que as frases trombem ou mudem o sentido da oração, nem um sujeito passe na frente do verbo e o verbo não perca seu objeto. O T, como era de se esperar, deixa que todos passem e a esquina fica com frases tão desencontradas que parece um absurdo, segundo o narrador da história.

As comparações que Ziraldo faz de forma inesperada, das letras com objetos, acontecimentos ou sentimentos humanos dá esse tom humorístico às histórias. Ilustrar uma letra B com duas letras b na sua barriga para mostrar que ela está grávida, ou comparar uma letra D com um caldeirão daqueles usados pelos canibais e a letra T com uma pessoa de braços abertos, que sempre aceita tudo, pode nos provocar riso, são brincadeiras com letras e com nossas idéias, são situações cômicas com letras humanizadas, são modos inusitados de juntar a escrita com a vida, as coisas e pessoas representadas, de inventar histórias inusitadas.

3.5 - *Non sense*

O *nonsense* é uma situação ilógica, desprovida de sentido ou coerência. Ele é muito usado no cinema e em literatura infantil, onde o fantástico convoca elementos não reais, ilógicos.

Um exemplo de literatura infantil caracterizada como *nonsense* é “*Alice no país das maravilhas*” de Lewis Carroll.

A essa definição, de um novo mundo, chamou nonsense. Literalmente “sem sentido”, “absurdo”. Lewis Carroll é o “pai do nonsense”. O País das Maravilhas é um lugar de absurdos, de contrariedades, ilógico – fazendo questão de deixar claro que essas anormalidades só são anormalidades do ponto de vista do leitor, da visão de quem não vive no País das Maravilhas. Obviamente, a definição de nonsense já existia nas mentes humanas, porém, não possuía um “nome”, algo que a fizesse tomar um lugar na abstração que é o nosso pensamento. E Lewis Carroll foi o responsável em dar “formato” para o que se denominou nonsense em literatura. (Martire, 2006)³⁸

Ziraldo utiliza desse tipo de humor na sua obra. Um exemplo é a história “*O encantado planeta O*”. Ele explica que todo mundo sabe que a Terra rola em torno do Sol, mas o espaço do planeta O é outro, é o universo das letras. O povo do planeta O é muito calado, eles falam pouco e a língua que eles falam só tem três palavras. Quando um passa pelo outro só fala oi, não pergunta se está tudo bem, e quando eles riem, só fazem ô,ô,ô. Na hora que levam um susto dizem Oh! Este é o vocabulário do povo Ório, mas nunca ninguém viu um só habitante desse planeta, só um cientista chamado Aiko Aikidô que ao detectar o planeta ouviu Oh! Oi! Ô! Ô! Ô!

Outro exemplo é a história do “*O pequeno P*”, pois nela o narrador está na primeira pessoa, como se fosse um leitor. Ele próprio narra sua leitura, e, ao mesmo tempo, o leitor conversa com a personagem da história – uma letra p. A história se passa quando um leitor encontra um livro, que dentro, tem uma letra p que conversa com ele – uma história dentro de outra história. A letra ainda convence o leitor a ir para uma livraria, colocá-la no seu livro original, “*O pequeno príncipe*”.

³⁸ MARTIRE, Alex da Silva. *Revista Virtual Klepsidra*. Ano VI. 27ª edição. São Paulo - SP. Janeiro – Março 2006. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra27/alice.htm>

A história “*Um Q todo especial*” também usa do humor *nonsense*, pois é cheio de situações inusitadas e engraçadas. O Oui decidiu procurar um rabo, e foi no mundo que vive Dom Quixote, Alice e Buendía. Ele encontra um menino com um rabinho, mas a doação não dá certo, rabo de gente para letra, iria dar rejeição. Alice o leva para procurar, e depois de muito procurar, encontram o gato Gus, do poeta Thomas S. Eliot, da Inglaterra. O gato fala que ele é um ator, mas que Q sem rabo não tem talento, por isso entrega o rabo para o Oui explicando que não tem rejeição, já que aquele rabo só existe na imaginação. Gus vai embora e Oui, agora ficou Qui, encontrou seu nome, e descobriu que o que nos falta é imaginação.

3.6-Meta-ficção

Segundo Colomer (2003), o pós-modernismo relaciona-se à fase cultural própria das sociedades pós- industriais, em que se tem uma visão relativista do mundo, uma observação descentralizada do indivíduo. As interrogações artísticas consideradas pós-modernas exploram o que acontece quando se aproximam visões distintas de mundo, quando se rompem as fronteiras entre realidades, quando se constroem idéias perpetuamente contraditórias e em constante mudanças.

Nesta direção, Colomer (op. cit) citando De Fredericis (1988:48) aponta para a exploração artística na literatura atual: “(...) A narração se converteu a si mesma no tema central da obra narrativa(...). A literatura tornou-se literariedade. O ato de ficcionar foi eleito tema central e justificativa de muitas escrituras. As regras e as maneiras da representação tornaram-se o conteúdo mesmo do ato de representatividade.” (p.108)³⁹

Se a literatura para adultos convida o leitor para um tipo de experimentação mais plural, a infantil expressa na maioria das vezes, uma interpretação única, modelar do mundo, evitando a pluralidade de significados e de leituras possíveis.

Não é o caso, desta Coleção que estamos analisando. “*O ABZ do Ziraldo*” traz vários

³⁹ COLOMER, T. *A formação do leitor literário*. São Paulo, SP: Global, 2003.

exemplos de uma construção literária, em que o autor explicita os próprios recursos estilísticos que utiliza e cria para compor uma imagem que quebra a dicotomia realidade e ficção, significado e significante, narrador e leitor etc. Trata-se de uma meta-ficção.

Colomer (op. Cit) ainda afirma que:

O propósito dos recursos agrupados sob esta denominação é o de provocar um “choque” no leitor ao lembrar-lhe a divisão convencional entre o texto e o mundo real. Ao atrair a atenção em relação às convenções literárias ou em relação à materialidade do livro, força o leitor a não se envolver com o texto apenas do ponto de vista emocional, mas também a apreciá-lo em sua qualidade de obra de arte construída. (p.110)⁴⁰

No final da “*As desventuras do MR. W.*”, por exemplo, o próprio narrador faz parte da história, questiona seu autor. O Mr. P pediu ao Mr. W para olhar o lado que estava o prego do quadro, mesmo com todas as letras achando que aquele era o retrato da letra M, ele concluiu que o quadro tinha caído e virado de ponta cabeça, desvirou o quadro e o retrato era mesmo do Mr.W. Para concluir a história o narrador coloca que a confusão acabou e assim se aprende a lição: “*Basta se levar um tombo para a gente descobrir de um modo bem direto que somos todos iguais, letras do mesmo Alfabeto*”. (p.243)⁴¹. Embora a história aparentemente te traga uma lição ou moral, o modo como ela é construída quebra com a idéia do ensinamento, pois o narrador explica que dizem que toda história termina com uma lição, ou moral, mas a aventura inventada é somente um jeito de mostrar os quadros e de relativizar o modo distinto de ver as coisas. A história traz uma moral, mas o narrador questiona, dizendo que o real propósito da história é mostrar os quadros, o próprio autor discorda do final moralista da história.

Outro exemplo que temos de uma meta-ficção é a história intitulada “*Z- a missão*”. Nesta história, Z fica pelos cantos do alfabeto, quer ser feliz, apenas porque a palavra feliz

⁴⁰ Idem

⁴¹ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

acaba com Z. Um desenhista pergunta para o Z o que é ser feliz e ele responde que é ser o que precisa ser e ter o que se precisa. O desenhista, que é o autor de uma história em quadrinhos, dentro da história do Z, dialoga com a letra, a orienta e lhe dá o final desejado pela letra: ser azul, o que lhe permitiria ser feliz. Ambas palavras compostas da letra Z.

Essa estratégia onde o narrador interfere na história que conta, em que cria um personagem ilustrador, coloca o leitor em um processo de estranhamento, como se fosse um questionamento de um autor que olha de fora da história e por outro lado, está dentro dela.

3.7- O jogo do ensinar

Conhecimentos de várias áreas como Geometria, História, Português, Ciências e mais outros são espalhados pelas páginas do livro “ABZ do Ziraldo”. Não de forma prescritiva, enfadonha, didática, como normalmente se encontram nas produções voltadas para o leitor infantil. Quase como se fosse um jogo, Ziraldo brinca com as histórias das letras e com as informações científicas, numa orquestração expressa em diferentes linguagens, diferentes saberes.

Para Barthes (s/d) (...) a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia). (...) Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras, que faz o saber profundo, fecundo. (p.21)⁴²

Na história “*Um C em concerto*”, o leitor fica sabendo que no dicionário a letra C tem um espaço maior, isto é, é o maior número de palavras da Língua Portuguesa começa com esta consoante.

Na história “*A leste do E*”, o narrador explica que a letra E trabalha na Rosa-dos-Ventos, um orientador de direções aos navegadores, e se chama Elias. Ele fica localizado no

⁴² BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo- SP: Cultrix, sem data.

lado leste da Rosa-dos-Ventos, pois é um ponto cardeal. É a sua função (leste) trazer o sol todas as manhãs e ajudar nas aulas de geografia.

Ainda nessa história, o narrador fala sobre a queda do Muro de Berlim e sua importância, pois a justificativa para um dia de atraso do Elias é porque não encontrou o muro que tinha que saltar todo dia, ficou tão feliz que saiu para festejar, e quando acordou, o sol não tinha aparecido, porque ele que comanda o sol e sem ele o sol não sabia para que direção ir, assim como as outras letras W, S, N. Esse muro referido na história é o muro de Berlim, que foi derrubado na Alemanha em 1989, segundo o narrador, sua queda encheu de esperança todos os povos de todo mundo.

Na história “*O G é um gênio*” o narrador explica sobre Albert Einstein e a teoria da relatividade porque as letras repararam que a letra G era um gênio devido sua semelhança física com uma foto que tiraram de uma careta que Einstein fez numa entrevista. Assim, explica que gênio era um velhinho simpático botando a língua para fora.

Outro conhecimento que Ziraldo mostra é na história “*As viagens de L*”, o narrador explica que antigamente os L só sabiam andar acompanhados, porque os intelectuais achavam excelente escrever com dois ll. Um dia o pessoal da Língua Portuguesa despediu um dos eles da dupla. Agora só saem juntos em casos muito especiais.

Na história “*A letra N e o nascimento da noite*” há um envolvimento entre a letra N e o número 8, durante a construção da Torre de Babel. Assim, o narrador explica sobre o ponto de vista religioso, que um dia os homens resolveram construir uma torre muito alta, que chegasse ao céu, mas Deus não gostou e decidiu lhes dar um castigo, a diversidade de línguas. Ainda nessa história, o narrador mostra os tempos primitivos, que o homem escrevia nas cavernas com os desenhos, denominada Arte Rupreste, para contar sobre a origem da escrita e respectivamente da letra N e o número Oito.

Na história “*As desventuras do Mr.W.*” Ziraldo aproveita para exibir quadros de

pintores famosos. Com a desculpa de mostrar quadros da coleção do Barão W para que encontremos sua imagem nas telas, o narrador apresenta pinturas de Miró, Calder, Georges Braque, Matisse, Mondrian, Carlos Bracher, Bem Shahn, Picasso, Chagall, Van Gogh e Paul Klee e obriga o leitor a observar bem a tela, à procura do Mr. W.

Na história “*Os mistérios de X*” a letra X acaba levando o leitor ao universo da linguagem matemática. O narrador comenta que durante o Império Romano chamaram o X para trabalhar na Aritmética, fazendo o papel do dez. Também a letra V, pois ela é a metade de X em algarismo romano significa o cinco. O X é promovido no desenrolar da história, para trabalhar na Álgebra e torna-se uma incógnita. O leitor pode aprender então que a álgebra é parte da Matemática em que as letras estão no lugar dos números. O texto dá um desafio ao leitor, pois caberá a ele descobrir a incógnita.

A inserção dessas informações dentro das histórias ficcionais dá ao leitor uma possibilidade de ampliar seus conhecimentos, como também podem aguçar sua curiosidade em busca de novas informações, de confirmação de até que ponto elas são verídicas ou foram criadas ou mudadas pelo autor.

3.8-Um conflito narrativo

Embora as histórias das letras sejam curtas (poucas páginas), os textos não são simples, lineares, mera justaposição de frases. Em cada uma delas, Ziraldo cria um conflito narrativo, responsável por desencadear a ação dos personagens – letras.

Por exemplo, na história “*O G é um Gênio*” a letra G, logo no início da história, é apresentada como um C que tinha engolido a língua. O conflito se passa sobre a dúvida existencial do G, que não poderia voltar a ser a letra C, pois o mundo precisa da letra G, com as palavras como globo, geografia e grafiteiro. O narrador ainda diz que quem olha para a letra G, vê que ele é um sujeito enrustido, que fica pensando no sentido da vida das letras.

O F, seu vizinho tentou ajudar, mas o G falou que ele é um E sem pé, isso faz o F

entrar em dúvida existencial também. Esse conflito dura até o dia em que uma das letras reparou que ele é um gênio, pois gênio é um velhinho simpático botando a língua para fora tal qual Einstein, que criou a Teoria da Relatividade e fez uma careta um dia numa entrevista. O G gosta da idéia de ser gênio e pára de ficar pensando em quem é e toma gosto por ser um G.

Na “*A história do A*”, o conflito se passa com André, um A minúsculo que sempre se perguntou o que iria ser quando crescesse. O narrador fala que ele parecia um rei com uma barriguinta, vestido com um manto. Os meninos sempre zombavam dele, e ele queria crescer logo para poder tocar o céu com as mãos.

Chegou o dia em que teve que partir para a cidade grande (o que para as letras é ir para uma enciclopédia ou uma grande coleção). Os seus amigos foram todos se despedir zombando da sua barriga, o André vai embora dizendo que voltará.

André cresceu e se tornou um astronauta. É o primeiro a colocar os pés numa estrela que conquistou. Todos assistiram na televisão e não acreditaram que aquele é o André barrigudinho que conheciam.

Outro conflito é o da história “*H- nosso herói*”. A força do H vem do cinturão dele, assim como a força de Sansão da Bíblia vem do cabelo. Um dia H dorme e quando acorda o seu cinturão desaparecera, aí temos o conflito desencadeador da história. O H perde as forças, fica dividido como dois is, que são mais fracos que um I só. Como Henrique é um herói, ele não desiste da luta, e sai à procura de seu cinturão. Após procurar por todo o alfabeto, Henrique descobre que o V roubara seu cinturão.

A “*A história do i que engoliu o pinguinho*” começa com uma letra I que se chama Fifi, fala demais, mais que um papagaio. Em um final de semana, Fifi apronta tanta falação que acaba engolindo o pinguinho, este é o conflito, pois é no seu pinguinho que fica seu cérebro, o I fica bobo e por isso as letras fazem uma assembléia para resolver a questão. A decisão é banir Fifi do alfabeto.

Depois da expulsão de Fifi do alfabeto, todos começam a falar com tons graves, não completam o pensamento nem a fala. Com esse problema, resolveram procurar a letra I e pedir que tire a sua cabeça da barriga, mas Fifi responde que sua cabeça já virou cocô.

As letras ficam sem esperança, porém a letra Z tem uma idéia, ela chama o ponto para trabalhar em outro lugar, no lugar do pinguinho do I, e ele aceita. O I volta para o alfabeto, mudado, agora está sério, sabe a hora de falar e de ficar quieto, e principalmente sabe a hora de parar.

Todas as histórias da Coleção ABZ contêm um conflito desencadeador, que no desenvolver da história é resolvido de alguma maneira pelas próprias letras-personagens, ora com humor, ora com sabedoria, ora com questionamento da própria ação dos personagens ou no desenvolver da história.

3.9- Jogo imagem e palavra

Nas últimas décadas, no Brasil, os livros trouxeram projetos editoriais que ampliam as técnicas de ilustração, cruzam linguagens e conhecimentos de vários campos, rompem fronteiras entre ilustradores, pintores, desenhistas de humor e de quadrinhos, etc.

O jogo entre texto e imagem tem sido explorado pela boa produção literária voltada para crianças. Livros constroem uma tensão estética, utilizando-se simultaneamente da linguagem plástica e textual, invertendo, alterando, complementando, questionando uma a outra, violando o sentido comum da realidade, criando alusões artísticas.

Na história “*O G é um Gênio*”, por exemplo, Ziraldo apresenta a letra G como um sujeito enrustido, que fica pensando no sentido da vida das letras. Para representar um ser

pensador, na ilustração, o autor traz a reprodução da própria escultura “O Pensador” de Auguste Rodin.⁴³

Outro exemplo é a referência a Adão e à criação na “A história do A”. Ziraldo cria uma ilustração da letra A maiúscula, no meio de uma mata, com uma folhinha no seu tracinho do meio.

Na história “*Na terra de M*”, o narrador comenta que no país de M só se comem sanduíches. A ilustração no fundo dessa página é um M em amarelo, com um fundo vermelho, equivalente ao símbolo da rede de restaurantes Mac Donald’s, conhecida por seus sanduíches.

Descreve as ondas desse país como muito uniformes, por isso ilustra as ondas quadradas, formando vários emes. O narrador conta ainda que na terra de M todas as moças usam tangas, e a ilustração que segue é o quadril e as pernas de duas mulheres, com as tangas que formam um M.

Outro exemplo entre esse jogo de palavra e imagem é na história da letra R, “*R – a princesinha*”, pois ele apresenta a letra R como uma letra dançante, uma bailarina com a perna para frente, esperando para dar um passo de balé. Como alusão a obras de artes famosas, a ilustração é um desenho de Degas, pintor francês que pintava bailarinas e um de Miró, que cria com cores e formas geométricas personagens e cenas do cotidiano. No glossário, colocado no final do livro, Ziraldo explica que fez uma intervenção no desenho de Degas, e que inventou o desenho de Miró em uma (re)criação da própria arte.

Na história “*O S feinho*”, o narrador conta a vida da letra S, que sai em busca de quem ele é, mas quando fica cansado de tanto procurar, resolve descansar durante o inverno num

⁴³ **O Pensador** (francês: *Le Penseur*) é uma das mais famosas esculturas de bronze do escultor francês Auguste Rodin. Retrata um homem em meditação soberba, lutando com uma poderosa força interna. Fonte: Wikipédia

livro de alta classe. O autor ilustra uma estante com livros coloridos, que têm o nome dos seus autores nas suas lombadas, os nomes que se encontram nessa estante são Andersen, Karl (Marx), Rosa (Guimarães), Atlas, Lobato, Drummond, Lewis Carol, Colodi, Heródoto, Dante, Ruth, Grimm, Sigmund e Ana.

Nessa mesma história, há uma ilustração na parte superior da página: é uma casa de campo, com moinho e um rio passando. A ilustração que está na parte inferior é uma garça branca num terreno com um arbusto pequeno. O narrador fala que nós brasileiros vivemos falando de uma paisagem que nunca vimos, com neve, pinheiros, mesmo com o sol escaldante que temos. É uma crítica aos autores que não valorizam o que é do próprio país.

Na maioria das histórias, Ziraldo usa o recurso criado pelo jogo entre palavra e imagem, enriquece e complexifica a obra, dando ao leitor uma história em que a linguagem textual e imagética, sem que uma tenha predominância valorativa sobre a obra.

3.10-Histórias em gêneros discursivos diversos

O livro na sua totalidade é uma narrativa, porém Ziraldo ora nos conta uma lenda como “*A letra N e o nascimento da noite*”, ora uma história de suspense “*As desventuras de Mr.W*”, ou ainda uma narrativa contemporânea que é o caso da “*A história do A*”, ou então um conto de fadas como “*O pequeno P*”, e ainda uma paródia tal qual em “*O S feinho*”.

O leitor, deste modo, interage com vários gêneros discursivos, que muitas vezes são questionados em sua própria estrutura. Um conto de fadas pode ser misturado com um humor-marca deste autor- próprio da história *nonsense*.

Também Ziraldo utiliza linguagens próprias de gêneros discursivos, como por exemplo balões que representam as falas dos personagens em História em Quadrinhos, como é o caso de “*A letra N e o nascimento da noite*”, “*A dieta do D*”, “*A letra i que engoliu o*

pinguinho”, “*O G é um gênio*” e “*O encantado planeta O*”.

Belas paródias são as histórias “*O ABC do B*”, “*H - nosso herói*”, “*As viagens de L*”, “*O S feinho*” e “*Os vôos de V*”. Enquanto que, como conto de fadas, o leitor encontra: “*O pequeno P*” e “*R - a princesinha*”, distintos das narrativas que provocam suspense como a de “*Um F chamado Fred*”, “*O segredo de U*”, “*As desventuras de Mr. W.*” e “*Z – a missão*”, ou das narrativas contemporâneas como “*A história do A*”, “*Um C em concerto*”, “*A dieta do D*”, “*A leste do E*”, “*Um J na minha vida*” e “*O Y e o mar*”.

A presença de diversos gêneros torna a obra mais prazerosa, rica, convocando o leitor para uma leitura que pode ser menos simplista, menos repetitiva, onde vale tudo pela imaginação e ludicidade, brincadeira com as letras e imagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Ziraldo é uma obra literária que encanta seus leitores. Apenas crianças? Para crianças? Para adultos? Não importa a idade do leitor.

As histórias são belas narrativas, com conflito desencadeador das ações dos personagens, com clímax, desfecho. As protagonistas- letras do alfabeto – são personificadas, e como humanos: sofrem, choram, amam, riem, trapaceiam, engravidam, saem em aventuras mil e se enroscam em trapalhadas.

O livro é uma coleção de histórias de letras do nosso alfabeto, mas nele as letras têm um caráter humanizado, já que possuem nome, sexo, sentimentos e história. A frase de Ziraldo “*o X mais parece gente do que letra do Alfabeto*” (p.254)⁴⁴ pode ser generalizada as outras letras do alfabeto apresentadas no livro.

Os sentimentos dessas letras são como a dos humanos: A letra A, André, quando pequena, era zoadá por ser barrigudinha e vivia com dúvidas existenciais, queria saber o que seria quando crescesse.

A letra B, Bia, se apaixonou por outra letra B, Bernardo, e os dois viveram um romance proibido, assim como o romance de Willian Shakespeare, porém, eles resolveram fugir e viver, ao invés de morrer.

A letra C, que queria se sentir útil para o universo, assim como nós humanos que queremos servir para a humanidade, o que geralmente fazemos com nosso trabalho. E a letra D, que tinha o problema de ser gulosa.

As letras também têm problemas e dependem uma das outras. A letra E, de Elias, é quem orienta o Sol, e fica feliz quando derrubam o Muro de Berlim. É uma letra que se atrasa

⁴⁴ PINTO, Ziraldo Alves. *O ABZ do Ziraldo*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.

para trabalhar, porém os outros pontos cardeais não conseguem orientar o Sol sozinhos, o que afeta toda a Terra.

A torcida pela vitória da letra F no ringue de boxe pode ser comparada com a luta de vencer na vida. A letra G que não era compreendida pelas outras letras, por ser um gênio, vive pensando sobre qual o sentido da vida das letras, tal qual os humanos que se sentem incompreendidos e sem sentido para viver.

A letra S, que se sente feia e é por isso excluída por seus familiares, simboliza os sentimentos que afloram geralmente na adolescência, quando estamos à espera de nos tornarmos adultos, ou seja, quando as letras – ou os jovens- tornam-se maiúsculos.

A disposição gráfica da linguagem escrita não indica que o leitor pressuposto para esta Coleção seja uma criança em fase de iniciação às letras. As partes escritas, em geral, têm tamanhos pequenos e são divididas em colunas de forma que uma criança que ainda não sabe ler teria dificuldades em acompanhar a leitura. Algumas frases estão em destaque, com um tamanho maior e cores diferentes do usualmente escrito em preto. As letras aparecem em azul, vermelho e lilás, e também se misturam com ilustrações, com letras menores, com cores diversas, em cima e em baixo, no centro e pelas beiradas das páginas.

A maioria das páginas tem um fundo branco, com o escrito em preto. Algumas frases-chaves são destacadas em outra cor e em tamanho maior.

O texto escrito e imagens têm pesos iguais no livro; são igualmente bem cuidados do ponto de vista estético. São absolutamente complementares como também autônomos e independentes no momento da leitura.

As ilustrações são coloridas, chamativas, diversas, grandes ou pequenas, a ocupar todas as partes das páginas - em cima, em baixo, centralizada, no canto direito ou esquerdo- a tomar todo o espaço em branco.

A linguagem não subestima o leitor; ao contrário, ela o desafia com cenários e vocabulários novos, com imagens poéticas, com jogo entre o dizer e o não dizer, o mostrar e o não mostrar.

O texto e a ilustração evitam a ordem casual e habitual das narrativas, forçando o leitor a uma leitura mais intensa, reflexiva, a fazer parte da obra e atuar como produtor de sentidos.

A multiplicidade de histórias- uma dentro da outra, de referências culturais, de linguagens, com personagens e fatos colocados de forma surpreendente, sugere que os leitores infantis podem brincar e aprender com as formas convencionais, tanto visuais quanto lingüísticas.

Tanto o verbal quanto a ilustração – linguagens (re)inventadas pelo autor- podem ser lidos com prazer. Elas não são simples reprodução uma da outra, ambas ora estão superpostas como exemplificação ou simplificação, ora dialogam entre si, se contradizem, complementam, questionam uma a outra. Ambas podem ser lidas ou vistas separadamente, cada uma com suas singularidades e especificidades, provocando novos sentidos ao leitor.

Pensando sobre que tipo de literatura esses livros propõem, a qual leitor se destinam, verificamos que embora a história das letras possam ser usadas para o momento da alfabetização da criança, eles não trazem isto como intenção principal. Conforme tentamos mostrar, a Coleção é toda literatura.

As histórias ensinam, embora não tenham como propósito exclusivo e predominantemente a função didática. E esse “ensinar” vem recheado de humor, de jogo, de brincadeiras, de mistura entre realidade e ficção sem sabermos quando um começa e outro termina.

A diversidade, variedade, riqueza, quantidade de recursos estilísticos que Ziraldo usa nesta obra permite-nos afirmar que a intenção não parece ser simplesmente a de ensinar o alfabeto à crianças em fase inicial de aquisição da escrita, conforme pensávamos antes de

conhecer tal Coleção. Ao contrário, as letras são apenas pretextos para a criação de belíssimas histórias. Ora pelo formato, ora pelas iniciais de uma palavra, ora pelas associações que podem ser criadas de cada letra, o autor brinca com o alfabeto e nos põe em uma aventura de leitura.

Essas histórias contêm elementos que instigam o leitor a pesquisar sobre os mais variados temas, a querer conhecer mais, a (re)ler. Com o pretexto de mostrar as letras do alfabeto, Ziraldo cria um universo cheio de personagens e temáticas de outros livros, convoca conhecimentos de várias outras áreas como geografia, história, matemática e artes, traz outras obras clássicas como a Bíblia, Romeu e Julieta; apresenta diversos autores como Hans Christian Andersen, Doutor Lemuel Gulliver, Machado de Assis, Cecília Meireles, Mario Quintana, Gabriel García Márquez e Carlos Drummond de Andrade, e problematiza temas como preconceito, existência, paixão, compreensão e auto-conhecimento.

Ziraldo faz uso de várias linguagens – história em quadrinhos, ilustrações, textos; cria em vários gêneros – contos de fadas, narrativas fantásticas, lendas e fábulas; diversifica o modo de contar, tornando-se sempre interessante e criativa as histórias.

Conhecer mais de perto esta obra foi muito importante para minha formação de pedagoga. Se a princípio esperava encontrar um livro com a temática sobre abecedário e dirigido a um leitor criança, surpreendi-me. A obra parece ser mais dirigida para um leitor que não tem idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros, capítulos de livros, artigos, teses e dissertações

- ALMEIDA, Adriana Aparecida de. **OPasquim e OPasquim21 : práticas discursivas jornalísticas de resistência.** Campinas, SP, 2006.
- ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. **Histórias Maravilhosas de Andersen.** Compilado por Russel Ash e Bernard Highton, Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 1995.
- ARAUJO, Rose e SAGUAR, Luis. **Almanaque do Ziraldo.** São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2007.
- BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo, SP: Cultrix, s/d.
- BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos. **Radiografias brasileiras: experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio.** Campinas, SP, 2006.
- BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Imagens / Representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação.** Campinas, SP, 2003.
- BONADIO, Maria Claudia. **O fio sintético é um show! : moda, política e publicidade (Rhodia S.A. 1960-1970).** Campinas, SP, 2005.
- CAMPOS, Claudia Mendes. **Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da Argumentação.** Campinas, SP, 2005.
- CASCARELLI, Cláudia. **Flicts, livro de artista.** São Paulo, SP, 2007.
- CHÁVARI, Rita de Cássia Cabral. **Leitura na educação infantil: memorial de formação.** Campinas, SP, 2006.
- CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1975.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário.** São Paulo, SP: Global, 2003.

- CORTEZ, Mariana. **Palavra e imagem: diálogo intersemiótico**. São Paulo, SP, 2001.
- CUNHA, Lauro José da. **O Processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio**. Campinas, SP, 2006.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Perto do coração - criança: Uma leitura da infância nos textos de Clarice Lispector**. Campinas, SP, 2001.
- DONATONI, Alaíde Rita. **Trajetória do movimento docente do ensino superior: um resgate histórico da origem e desenvolvimento da ANDES**. Campinas, SP, 1999.
- FERNANDES, Hylio Laganá. **A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento**. Campinas, SP, 2005.
- FERREIRA, Paulinia Silva. **Memorial de Formação: as brincadeiras do passado construindo os valores no futuro**. Campinas, SP, 2005.
- FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. **Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento**. Campinas, SP, 2004.
- GATTI, André Piero. **Distribuição e exibição na indústria cinematográfica brasileira (1993-2003)**. Campinas, SP, 2005.
- HERNANDES, Maria Lúcia de Queiroz G. **Autonomia: do clichê aos paradoxos da prática pedagógica**. Campinas, SP, 2002.
- HUNHOFF, Elizete Dall' Comune. **Traços de modernidade nas obras infanto-juvenis de Alice Vieira e de Ziraldo**. Tangará da Serra, MT, 2002.
- LACOMBE, Mariana Guimarães Masset. **Os descolecionadores, uma pedagogia do risco**. Campinas, SP, 2003.
- LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. **O contar histórias na educação infantil: um estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica**. CAMPINAS, SP, 2006.

- MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar.** Campinas, SP, 2004.
- MIRANDA, Eliana Cristina Martins. **O SAEB-2003 no estado de São Paulo: um estudo multinível.** Campinas, SP, 2006.
- NIERO, Andreia Aparecida Bueno. **Infância: A brincadeira é a essência do desenvolvimento infantil: memorial de formação.** Campinas, SP, 2006.
- PINTO, Ziraldo Alves. **O ABZ do Ziraldo.** São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2003.
- PINTO, Ziraldo Alves. **Ninguém entende de humor. In: Humorismo levado a sério.** Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v.64, n.3, p.21-37, abr.1970.
- RAMOS, Maria Cecília Mattoso. **O paradidático, esse rendoso desconhecido.** São Paulo, SP, 1987.
- RANDI, Alexandre. **Palco, academia e periferia: a dissonante polifonia da banda Bate Lata na (trans) formação de um educador.** Campinas, SP: [s.n], 2006.
- RESENDE, Vânia Maria. **Ziraldo e o livro para crianças e jovens no Brasil: Revelações poéticas sob o signo de *Flicts* e reflexos prismáticos em obras de autores de língua portuguesa.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004
- ROCHA, Sônia Márcia Arten da. **Caminhos da educação : memorial de formação.** Campinas, SP, 2006.
- ROSENBERG, Cláudia de Souza. **Lugares de Experiência Formativa e a Produção da Necessidade de Mudança no Trabalho Docente.** Campinas, SP, 2003.
- SANTA'ANA, Afonso Romano de e outros. **Crônicas Mineiras.** São Paulo, SP: Editora Ática, 1984.
- SANTOS, Elisama Maria dos Santos. **Memorial de Formação: mais que experiência, realização.** Campinas, SP, 2005.

- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Prelúdios & Noturnos: ficções, revisões e trajetórias de um projeto político.** Campinas, SP, 2006.

2. Endereços eletrônicos

- <http://www.millarch.org/ler.php?id=6726> Acesso em: 18/04/2008
- http://www.releituras.com/ziraldo_menu.asp Acesso em: 16/04/2008
- <http://www.educacional.com.br/ziraldo/> Acesso em: 16/04/2008
- <http://www.ziraldo.com/historia/biograf.htm> Acesso em: 16/04/2008
- <http://pt.wikiquote.org/wiki/Ziraldo> Acesso em: 18/04/2008
- http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3581&cd_idioma=28555 Acesso em 18/04/2008
- http://www.gazetadelimeira.com.br/gazetinha/fique_ligado.php?codigo=62 Acesso em: 16/04/2008
- <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/13.pdf> Acesso em 22/07/2008
- <http://www.sbu.unicamp.br> Acesso em 22/04/2008
- <http://bibliotecas-cruesp.usp.br/unibibliweb> Acesso em 22/04/2008
- <http://www.usp.br/sibi/> Acesso em 22/04/2008
- <http://www.klepsidra.net/klepsidra27/alice.htm> Acesso em 27/10/2008

ANEXOS

ANEXO 1 - “A história do A”

É a história de uma letra que se chama André, Ziraldo explica que todas as letras têm nome, são vivas, têm história e biografia.

André é um A minúsculo que sempre se pergunta o que iria ser quando crescesse, parece um rei com uma barriguinha, vestido com um manto. Os meninos sempre zombam dele, e ele, quer crescer logo para poder tocar o céu com as mãos.

Chega o dia em que teve que partir para a cidade grande (o que para as letras é ir para uma enciclopédia ou uma grande coleção). Os seus amigos foram se despedir e zombam da sua barriga, vai embora dizendo que voltará. André cresceu e se tornou um astronauta. É o primeiro a colocar os pés numa estrela. Todos assistem na televisão e não acreditam que aquele é o André barrigudinho que conhecem.

A história termina que a graça que existe em ser menino, é que o futuro vai ser construído ainda, ele pode ser o que sonhar, o que quiser.

Ilustração

O autor utiliza desenhos que complementam o texto, como quando ele fala sobre Adão e a criação, faz a ilustração de uma letra A maiúscula no meio de uma mata, com uma folhinha no seu tracinho do meio.

Quando ele fala que letra tem até árvore genealógica, faz a ilustração de um A de ponta cabeça, com os galhos em formato de letras do alfabeto. Ainda faz a comparação de um A com um míssil, durante a parte do texto que fala que André é um astronauta e conquista uma nova estrela, deixa a página no fundo em azul, em seguida coloca a ilustração de um A como se tivesse pés para dar um passo - compara à chegada do homem na lua.

ANEXO 2 -“O ABC do B”

A primeira afirmação da história é que as letras também têm sexo, namoram e se casam, e é do casamento delas que nascem as palavras, assim como as letras.

A história se passa com Beatriz, conhecida como Bia, uma letra B feminina, que quando ficou mocinha, ganha curvas de rainha e faz sucesso nas festas.

Um dia, ela descobriu que está apaixonada por uma letra B, o Bernardo. O pai deles não deixa eles namorar. O sobrenome da Bia era Capuleto e do Bernardo Montéquio (a história deles era igual de Romeu e Julieta).

Como eles não quiseram morrer, fugiram juntos. Enfim, o pai e a mãe aceitaram o casamento e Bia fica grávida de um bebê.

Ilustração

Para explicitar que existem letras masculinas e letras femininas, Ziraldo ilustra com a cor azul e rosa respectivamente, desenhando um anjinho para a letra masculina e uma menina para a letra feminina, sendo que a menina tem flores delicadas e faz uma cara de meiga, e o menino tem no olhar um caráter mais explorador.

Outra ilustração interessante é no final da história, ele coloca a letra B maiúscula com duas letras B minúsculas na parte de baixo da letra, para simbolizar que a letra B está grávida de um bebê.

ANEXO 3 - “Um C em concerto”

A letra C é conhecida como insaciável, o narrador questiona o significado dessa palavra e diz que a palavra é como um ovo, assim que a casca se quebra, ela está cheia de vida e significados.

Explica que IN significa não, ÁVEL é uma qualidade, e SACIAR é matar a sede, a vontade. Definindo incansável como *“Alguém cujo jeito (ÁVEL) é de quem não (IN) nunca mata (SACIA) sua sede.”* (p.27)⁴⁵

Conta que dizem que o C era um O que sente falta de ar e abre um burquinho para entrar, gosta e o espaço aumenta e nunca mais se fecha. O C acha que ninguém gosta dele, quer ser tudo, tem mania de valer por mil. No dicionário ele é a letra que usa um espaço maior, pois na Língua Portuguesa é a letra inicial mais usada nas palavras.

Para resolver o problema existencial do C, as letras e palavras se juntam. O X tem uma idéia para consertar o C: o C virar a lua crescente. O C adora a idéia e agora é o C mais útil do universo.

Ilustração

No texto está escrito que a letra C sempre tem muitas páginas no dicionário, a ilustração é o C como uma letra capitular, com descrições em baixo, do dicionário de palavras com a letra C, essa ilustração fica numa coluna do lado direito da página, e são informações complementares em relação ao já escrito.

A história termina com a letra C em formato de lua, num céu estrelado, assim como o texto finaliza. Ziraldo explica no glossário, no final da Coleção, que lua não tem C, mas que é no desenho, no formato da lua crescente que podemos ver a letra C.

⁴⁵ Idem

ANEXO 4 - “A dieta do D”

A letra D é uma antropófaga, ou seja, uma letra canibal. Essa letra come outras letras do alfabeto. Descobriram isso quando leram um livro e notaram que faltavam muitas vírgulas e letras. As letras contrataram o Mr. P, porque ele é um detetive (já que o P se parece com um cachimbo ou uma lupa, os acessórios do Sherlock).

Mr. P deduz que o D é o procurado, pois se você deitá-lo de costas ele parece uma cobra que engoliu um elefante, e se virá-lo para cima, ele parece um caldeirão daqueles de cozinhar caçadores. O detetive faz um raio X e fotografa a barriga do D, e lá estava todas as letrinhas.

As letras resolveram fazer uma assembléia para solucionar o caso, mas o problema é que a letra D nunca faria uma dieta. Numa certa noite, Alfredo Balduco tem uma idéia para salvar o alfabeto, e é assim que nasce a sopa de letrinhas.

Ilustração

Quando o Mr. P tirou a radiografia da barriga do D, Ziraldo ilustrou um D que pega $\frac{3}{4}$ da página, em escala de cinza, impresso em marca d'água, cheio de letrinhas de diferentes formas dentro.

A sopa de letrinhas tem um destaque na última página da história, com uma grande ilustração de uma tigela, uma concha com letras dentro, a letra D está no fim da página, com uma língua para fora, como se estivesse com vontade de comer as letrinhas.

ANEXO 5 - “A leste do E”

A letra E trabalha na Rosa-dos-Ventos, se chama Elias e se localiza no lado leste da Rosa-dos-Ventos, um instrumento de orientação aos navegadores. Elias é um ponto cardeal, traz o sol todas as manhãs e ajuda na aula de geografia.

Um dia, Elias não aparece e o Sol fica sem saber para que lado nascer. Todos os humanos indagaram o que será deles sem o sol, como será o horóscopo e a fotossíntese, será que foi Deus que apagou o sol? De repente surge o sol, do lado certo, dá uma corridinha e alcança o tempo.

Elias pede desculpas a todos, e assim acaba a história do furo do Elias. Na verdade, Elias o motivo do atraso é porque ele não encontra o Muro de Berlim, que ele tinha que saltar todo dia, fica tão feliz que saiu para festejar, e quando acordou o sol não tinha aparecido.

Ilustração

A ilustração na primeira página é uma Rosa-dos-Ventos, preta e azul, ao invés de ser uma letra E, como nas outras histórias até agora, nela está o N de norte, o S de sul, o W de oeste e o E de leste. Todos os pontos cardeais com uma letra bonita, cheia de curvas.

A segunda página tem uma outra Rosa-dos-Ventos, só que essa pega uma página inteira e é colorida com amarelo, vermelho, preto e marrom.

Quando o sol aparece atrasado, a página é toda amarela e branca, como se fosse luz, e têm um relógio de ponteiro desenhado no canto direito.

Para ilustrar a confusão que se encontra o W, o N e o S sem o E, Ziraldo faz um desenho dessas três letras todas enroladas uma nas outras, como se tivessem perdido a direção. Na última página tem um anemômetro com um galo em cima, no lado dele tem um sol enorme, e em baixo casinhas, para ilustrar a parte do texto que fala que a vida continuou que nem era antes do incidente.

ANEXO 6 - “Um F chamado Fred”

O F se chama Fred, ele tem dois braços fortes, é boxeador e é conhecido como “Fred, o Feroz”. A história se passa na cena da luta entre Fred contra o Mac-X. No primeiro round Fred cai na lona, depois se recupera, chega no quinto round e Mac-X se impacienta. Fred tem na cabeça as vinte e oito vitórias anteriores, ele acerta novamente o Mac-X, que cai, mas levanta e fica furioso, Mac-X acerta Fred, que apanha como nunca apanhou numa luta, ele só se lembra de quando o seu pai batia nele e falava que tinha que apanhar porque era vagabundo. Fred sabia lutar e mandou Mac-X para as cordas, assim corre a luta, mas Fred cai novamente, e o vencedor é Mac-X.

Ilustração

A primeira ilustração é de um lutador de boxe, com a letra F desenhada com cores mais fracas. Os dois braços do lutador têm a direção e proporção da letra, e sua perna acompanha a perna da letra.

O oponente de Fred, é o Mac-X, na ilustração tem um boxeador com os braços e corpo dispostos numa maneira que fica em formato de X; a letra X está com cores mais fracas para facilitar a compressão da associação.

As próximas ilustrações são a luta entre os lutadores. As imagens parecem estar em movimento. A última página é composta pelo vencedor, Mac-X, que está com os braços abertos, igualando-se a letra, ao invés do autor escrever fim, ele desenhou um F maiúsculo com um ponto final.

ANEXO 7 -“O G é um gênio!”

A letra G pensa que é um C que engoliu a língua. Quem olha para o G vê que ele é um sujeito enrustido, que fica pensando no sentido da vida das letras.

O F, seu vizinho tenta ajudar, mas o G falou que ele é um E sem pé, isso faz o F entrar em dúvida existencial. Uma das letras repara que o G era um gênio. (Gênio é um velhinho simpático botando a língua para fora -Einsten). O G gosta da idéia de ser gênio e para de ficar pensando em quem é, toma gosto por ser um G.

Ilustração

A letra G é ilustrada na primeira página com um grande destaque. Ela está na cor lilás, com um fundo amarelo com pontos rosa. A segunda ilustração é o desenho da escultura “O pensador”, de Auguste Rodin. Ziraldo compara o G com a escultura, já que ele não para de procurar sentido na vida.

Quando o autor pergunta o que seria do globo, da geografia ou da gramática sem o G, ele mostra a ilustração da Terra com um X vermelho no meio. Um muro escrito rafitti, mostrando a palavra grafitti sem o G, complementando o texto, já que ele não escreveu dessa palavra, porém a mostrou na ilustração.

Compara o G a um Deus asteca, pois coloca a ilustração de uma letra G com vários desenhos, que foram extraídos do Calendário Asteca, o deus que está no centro do calendário e da letra G é Sol (Deus Tonatiuh).

Coloca o abecedário com o Z em letra maior e com um balão de diálogo, a letra Z fala que tem que pedir ajuda do vizinho. Aparece na próxima ilustração a letra F do lado esquerdo de G, falando alô. Na próxima figura, aparece a letra F com uma estrelinha na ponta, como se fosse uma dor no seu pé, e ela falando oh!. Nesse caso não foi necessário o texto, a ilustração contava exatamente o sentido do texto.

Com a revolta das outras letras, o G fez uma careta e colocou a língua para fora. Alguma letra reparou e gritou que ele é um Gênio. Aparece em seguida a foto em desenho da Albert Einsten, com a língua para fora.

ANEXO 8 -“H- nosso herói”

O H vive dentro dos livros e se chama Henrique. Sempre luta em muitas guerras e vence facilmente seus inimigos, salva as princesinhas e mata os dragões.

A força do H vem do cinturão dele, assim como a força de Sansão da Bíblia vem do cabelo. Um dia ele dorme, quando acorda o seu cinturão havia desaparecido. O H perde as forças, fica dividido como duas letras is, e dois I são mais fracos que um I só.

Como Henrique é um herói, ele não desiste da luta e procura seu cinturão por todo o alfabeto, repara que nesse alfabeto tinham duas letras A e nenhuma letra V.

Descobre que o V havia sumido da região, ele tem fama de ser invejoso e querer ser sempre o primeiro. Então Henrique descobre que o V roubou o seu cinturão, roubou para ser a primeira letra, o A. Quando ele pega o cinturão, foge e planta bananeira, virando um A.

Henrique encontra o V e os dois travam uma luta. Henrique ganha a luta e recupera seu cinturão.

Ilustração

A primeira página da história não é a letra H, a ilustração é a de um cavalo marrom com uma túnica branca e amarela por cima com uma letra H em cima, parecendo um cavaleiro medieval montado em seu cavalo.

O texto fala que ele vence facilmente seus inimigos e os dragões, e as ilustrações mostram uma luta entre dois homens e uma luta com um dragão, de forma que a espada atravessa no oponente e forme o traço da letra H. Para mostrar que ele parece uma ponte de seguro e firme, e que sempre viveu nos livros, o autor ilustra com uma letra H capitular decoradíssima. Ziraldo explicou no glossário que essas ilustrações são de Gustavo Doré, do livro de “Dom Quixote”, de Cervantes.

Quando o herói perde seu cinturão, a imagem é de dois I separados por um grande espaço, andando sozinhos no meio de montanhas e paisagens em preto e branco, demonstrando e marcando a solidão e tristeza do herói.

Na procura pelo cinturão ele passa por todas as letras, a ilustração é de todo o alfabeto, com as letras desordenadas. Na parte de baixo dessa página ele mostra uma letra A com um cinturão decorado com uma letra H no meio. Mostrou na outra página um V no alto de um monte, e depois ele de ponta cabeça com o cinturão, formando uma letra A.

Ocorre uma luta, onde os dois I do H ganham e assim na última página o H está em grande destaque, em vermelho, olhado de um ângulo de baixo para cima para mostrar sua grandeza, igual aos heróis.

ANEXO 9 -“A história do i que engoliu o pinguinho”

A letra I se chama Fifi, fala demais, mais que um papagaio. Num final de semana Fifi apronta tanta falação que acaba engolindo o pinguinho. Se Fifi fosse uma letra I feminina iriam dizer que está grávida de um I minúsculo.

O problema é que no seu pinguinho que ficava seu cérebro. As letras convocaram uma assembléia para resolver a questão, e fica decidido banir Fifi do alfabeto.

Zirado utiliza de um poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “*Memória*”, publicado no livro *Claro Enigma* em 1951 para dar uma dica de que o ponto final desse texto que poderá salvar o I: “*Amar o perdido deixa confundido este coração. Nada pode ser olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.*” (p.95)⁴⁶

A partir desse momento, todas as letras começaram a falar com tons graves e não completam o pensamento nem a fala. Resolveram então procurar a letra I e pedir que tire a cabeça da barriga, porém já era tarde.

As letras ficaram sem esperança, porém a letra Z tem uma idéia, chama o ponto para trabalhar em outro lugar, no lugar do pinguinho e ele aceita. Agora o I volta para o alfabeto, mudado, agora está sério, sabe a hora de falar e de ficar quieto, e principalmente sabe a hora de parar.

Ilustração

A primeira ilustração é de uma letra I minúscula com um diálogo escrito blábláblá... o que complementa o sentido do texto, que fala que a letra I fala demais. A próxima ilustração compara a letra I a um papagaio, e após tem a letra I sem o pontinho, escrito Gulp para demonstrar que ela engoliu o pontinho.

A quarta ilustração é de uma letra I, sem o pinguinho com uma saliência no corpo, para demonstrar que podem confundir que ela estaria grávida. Para mostrar que a letra ficou imbecil, segundo palavras do autor, ilustra a letra com um balão de pensamento em branco. E a reunião das letras em assembléia é uma mesa com as letras em volta, com a letra A em destaque, como se fosse a chefe das letras.

Zirado coloca o alfabeto sem a letra I quando ela foi expulsa, e uma frase sem a letra, para imaginarmos o mundo sem a letra I. A próxima página está em azul e mostra as letras conversando, e na outra página aparece o alfabeto com a letra I em destaque.

⁴⁶ Idem

ANEXO 10 - “Um J na minha vida”

Tem um menino que adora fazer versinhos, seu nome é Juca, o mesmo nome do pai. Juca Júnior ou Juninho sempre achava um jeito de achar um J no seu caminho. Sua mãe se chama Joana, e deu a idéia para Juca fazer um livro dos seus versinhos.

O pai pegou as letras dos jornais e ampliou em sete vezes para o menino cortar e colar no seu livro. O menino faz analogias com as palavras, liga a imagem com o texto, sempre com a letra J. Por exemplo, pescar, usa um anzol que é um J pequenino; andar de skate, os meninos adoram e parece voar, a rampa parece um J; quando um I minúsculo fica pensando no futuro, acaba se enroscando, retorcendo o seu rabinho e parecendo um J; o J parece um caracol; a foca quando brinca com a bola parece um J; também o saxofone; o cacto e a cobra.

A história termina falando que se o Juca quiser ser um poeta de verdade, terá que amar todas as outras letrinhas do alfabeto também.

Ilustração

A primeira ilustração é um menino de óculos, com uma camiseta com um J, um livro com um J na frente e com um balão de pensamento na letra J. O menino aparece em seguida, recitando algum verso, e na mesma página, ele e seu pai estão juntos (já que são muito parecidos).

As letras da capa de seu livro parecem realmente recortadas e coladas de revistas. Quando ele compara no texto um J com um jarro de flores, aparece uma ilustração de uma letra J com flores em cima. Outra ilustração é um peixe com um anzol em formato de J. Assim Juca faz diversas comparações com o a ilustração: compara o J com uma rampa de skate; caracol, uma foca com uma bola; saxofone e cactos.

Ziraldo ilustra uma cornucópia, que na mitologia é um vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele saem em abundância e expressa um antigo símbolo da fertilidade e riqueza. Na ilustração aparece um anjo, carregando um J, que de dentro dele saem frutas, coroas, moedas, relógios, baús, vinhos.

O personagem compara o J com uma serpente, e termina com EU, coração, e o alfabeto completo, já que no texto o narrador diz que é necessário gostar de todas as letras para ser um poeta jubiloso. O detalhe é que a última letra é um J em preto, completado com caneta para escrever fim, para mostrar que mesmo gostando de todas as letras, ele ainda tem preferência pelo J.

ANEXO 11- “Os guerreiros de K”

O povo chamado Kisigodo, é da raça dos Kas. Eles são bem brigões, só pensam na força, no fuzil e no canhão. A vida dos Kás é marchar, eles não descansam. Um dia se escutou uma voz matreira, era o Kingoró I, que disse para obedecerem que agora é o rei deles. Eles não entendem e querem saber o que é um rei. Kingoró I explica que rei é o dono de tudo, o que ele fala vira lei. Eles querem saber para que ter rei?

Os Kás agora seguem as ordens do rei, que só faz falar para o povo: um e dois. Eles seguem marchando com o rei no comando até sumirem no horizonte.

Ilustração

A ilustração da letra K no começo da história é de uma letra K, com uma arma apontada para cima, com o amarelo no fundo, a letra em preto e pisando na terra marrom.

Para mostrar a espera pela guerra falada no texto, o autor ilustra vários K enfileirados com o braço erguido e marchando, e quando o rei toma posse, a ilustração é uma letra K em cima de um morro, sobre todas as outras letras K e logo após, uma letra K com a mão estendida com o dedo indicador apontado para o alto, como se estivesse explicando algo. Depois aparecem duas letras K, uma virada para a outra, com um ponto de interrogação no meio. Após uma letra K enorme, em cima de um K pequeno. Essa parte da ilustração descreve a explicação de uma letra K para as outras do que significa um rei.

A próxima figura da história é um K com uma coroa em cima. Ele que manda no ritmo dos outros K. A última folha mostra todos os K enfileirados marchando para o infinito.

ANEXO 12 - “As viagens de L”

O narrador conta que antigamente os L só sabiam andar acompanhados, porque os intelectuais achavam excelente escrever com dois ll. Um dia o pessoal da Língua Portuguesa despediu um dos eles da dupla. Agora eles só saem juntos em casos muito especiais. Depois dessa pequena introdução, a história tem os dois ll como narradores, o primeiro narrador avisa para tomarmos cuidado, pois cada um tem sua versão da história.

Eles viviam numa pequena aldeia da Inglaterra, depois foram para Cambridge acompanhar os estudos de um médico inglês que sempre que podia viajava pelos mares desconhecidos. Numa certa manhã em Sumatra, ocorre uma tempestade e o navio Antílope começa a ser trágado pela águas, o médico, para nadar, as tira (os éles são as duas botas do médico).

O médico se chama Doutor Lemuel Gulliver. Afundam em poucos minutos, caminham pelo fundo do mar, quando o médico alcança a praia. Nem repara que está calçado com o par de botas. O médico, cansado, deita na praia e dorme de tão exausto que está.

Enquanto o médico dorme, muitas letrinhas aparecem na praia, os ll tentam pegá-las, porém, quando o médico acorda, está todo amarrado com vírgulas, interrogações e exclamações.

O médico consegue fugir das letrinhas, embarca num barquinho, e como precisa de velocidade, os ll batem os pés na água como dois pés de pato. Assim o médico salvou-se para outros mares e aventuras, e os ll ficam sempre juntos no sobrenome que faz o médico famoso: As viagens de Gulliver.

Ilustração

Na primeira página não aparece uma letra L, mas uma ilustração de um navio com a letra E de “Era uma vez”. As outras duas ilustrações são de um navio no mar, sendo que em uma ilustração, ele está afundando no mar. Após o navio afundado, a imagem é de duas botas, ou seja, os dois L, caminhando no mar e caindo sobre a praia.

Na praia aparecem muitas letrinhas desenhadas na areia, elas são muito pequenas perto dos dois L, essa ilustração pega $\frac{3}{4}$ da página e ilustra exatamente o que foi dito no texto. Segue a história com as letrinhas pequenas prendendo as duas letras L. A próxima ilustração é de duas letras L em terra firme e livres, as ilustrações seguem com elas caminhando e nadando.

A última página da história é o navio com a letra E, igualzinha a ilustração do começo da história. Nessa página tem a ilustração de um livro: Jonathan Swift – As viagens de Gulliver.

ANEXO 13 -“Na terra de M”

Tinha um país que se chama M. Suas montanhas são verdes, mas quando chega o calor elas ficam marrons. As casas de M são pirâmides vermelhas, como os telhados das casinhas que a gente desenha quando criança. As cobras de lá são todas minúsculas, por isso não tem soro para veneno. O país é tão gigantesco que lá os elefantes são minúsculos. Em M têm muitos camelos, que carregam o símbolo nas costas, mas não tem dromedários.

Em M só se comem sanduíches, todos vivem ao ar livre e o único vício que eles têm é andar de cavalo. O mar não era bom de surfar, porque as ondas eram muito uniformes, nessa terra todas as moças usam tangas. O único partido de oposição que têm é o PWC, mais conhecido como eme ao contrário. É preciso tomar cuidado quando chove, pois tem muitos raios e trovões.

A bandeira do país é a mais colorida do Universo, lá todos vivem em paz. Todos gostam um do outro, e o segredo de andar tão bem o país, é que todos amam muito o seu país.

Ilustração

A primeira ilustração é uma montanha verde, em formato de letra M, mas quando fica calor, elas ficam marrons, que é a segunda ilustração. A terceira ilustração são dois telhados de casa vermelhos, que juntos formam a letra M. Ele compara a letra M com uma cobra, com um elefante e com as corcovas do camelo, em ilustrações bem coloridas.

No país todos comem lanche, colocou um M em amarelo, com um fundo vermelho, igualzinho ao símbolo da rede de restaurantes Mac Donald's.

Mostra o mar de M que as ondas são quadradas e formam muitos M, as tangas das moças também formam M. O ilustrador ainda coloca uma ilustração de um muro em branco, com o M ao contrário, ou seja, o W com a palavra Já para demonstrar o partido de oposição.

Os raios em M são fortes, por isso ele mostra o M no raio. Nesse país ninguém se preocupa com finanças, ele ilustrou um gráfico com uma grande alta. Todos vivem em paz, com uma bandeira colorida com vermelho, laranja, amarelo, verde e azul.

Mostra um habitante de M, em formato garamond, com gravata e tudo. A ilustração é de um grande, em preto, com uma gravata borboleta em cima com três botões. O narrador termina a história falando que o segredo desse país é que todos se amam, nessa página aparece à imagem de um coração, que se parece com um M, só que mais fechado.

ANEXO 14 - “A letra N e o nascimento da noite”

A história começa com o narrador apresentando que Deus criou o mundo e o povoou e que um dia os homens resolvem construir uma torre muito alta, que chegasse ao céu, a Torre de Babel, mas Deus não gosta e decide lhes dar um castigo. Mas isso não foi o mais importante que aconteceu naquele dia. Essa história é tão antiga, é um velhinho que conta.

Os homens tem que passar o que acontecia com eles para seus netos, então inventaram a escrita, escreviam na pedra. Um homem desenhou um peixinho, que depois os hebreus chamaram de peixinho Num. Muitos dos desenhos das cavernas viraram letras, o peixinho Num virou a letra N.

Essa história é uma história de amor. O número oito foi buscar trabalho numa construção, a da Torre de Babel, ele faz parte dos cálculos dos engenheiros e arquitetos, o N também trabalha na construção, na abreviatura de número e nas placas de “não entre”.

Os dois se apaixonaram. O velho sábio disse que os dois tem a mesma origem, o peixinho Num, por isso que os dois são símbolos do infinito. Eles querem casar, porém as pessoas falavam que número não se casa com letra, mesmo assim, eles se casaram no expediente, na hora do beijo, foi que tudo aconteceu: escureceu tudo e ouviu a voz do Senhor trazendo o castigo - cada um falando uma língua diferente.

Naquele exato momento é que nasceu a noite, em todas as línguas. A noite é N mais oito em português, em inglês é n mais eight, em francês é n mais huit.

Ilustração

A ilustração da primeira página da letra N é um N em branco, com um fundo azul de céu e com um chão verde. A próxima ilustração é de uma Torre de Babel, muito alta. Quando o narrador vai contar a história, mostra os tempos primitivos, que o homem escrevia nas cavernas com os desenhos, Arte Rupreste.

As próximas ilustrações são a explicação de como o peixinho Num virou o N que conhecemos hoje. Ele apresenta o número oito, seguido de quatro ilustrações. A primeira diz que o número oito é da casa do escorpião no horóscopo, que no texto diz que significa renascimento; a segunda ilustração é um mago com um chapéu que tem um oito desenhado, um mago desenhado em cartas de Tarot; a terceira ilustração é um oito em formato de olho numa balança, a “balança da justiça” e a quarta ilustração é um número oito deitado, com uma paisagem no fundo do horizonte, símbolo do infinito.

Quando os dois se conhecem e se apaixonam, tem a letra N em rosa, com um coração saindo de um balão de pensamento de histórias em quadrinho segurada por uma mulher, e um número oito em azul que também tem um coração saindo dos pensamentos, sendo segurado por um homem.

Os dois são símbolos do infinito porque têm a mesma origem, o peixinho Num, que é demonstrado no desenho de dois peixinhos Num se olhando com corações.

Na hora do casamento dos dois, que o beijo acontece, tudo escureceu. A ilustração é negra, com o número oito deitado em azul. A próxima página tem na parte de cima, nuvens de chuva, com raios, e nas laterais da folha, a palavra Deus escrita em diversas línguas.

A próxima ilustração é a letra N entrelaçada com o número oito num céu estrelado. A história termina com a palavra noite escrita em várias línguas, primeiramente em branco, elas descem e ficam azuis até sumirem de vista.

ANEXO 15 - “O encantado planeta O”

Havia um planeta com um nome muito pequenino, “O planeta O”, ele é muito redondo. O narrador conta que todos nós vivemos num planeta tão redondo quanto “O planeta O”. Uma coisa que é redonda não é sempre gordinha como a laranja e a bola de gude, tem coisas magrinhas como uma pizza ou um disco, ou bem largas como as rodas da patrol, um trator usado para asfaltar. A bola rola e a roda roda.

Todo mundo sabe que a Terra rola em torno do Sol, mas o espaço do planeta O é outro, é o universo das letras. O povo do planeta O é muito calado, eles falam pouco e a língua que eles falam só tem três palavras. Quando um passa pelo outro só fala oi, não pergunta se está tudo bem, e quando eles riem, só fazem ô,ô,ô. Na hora que levam um susto dizem Oh! Este é o vocabulário do povo Ório, mas nunca ninguém viu um só habitante desse planeta, só um cientista chamado Aiko Aikidô que ao detectar o planeta ouviu Oh! Oi! Ô! Ô! Ô!

O planeta O tem um buraco no meio. Certas pessoas dizem que ele é um drops ou um salva vidas, mas o buraco é uma janela para ver o dia nascer e ir embora. O dia nasce com todas as cores, e cada dia tem uma cor diferente, dependendo da cor que nasceu por último.

Na hora de chegar à noite, é o arco-íris que volta para fechar o dia, indo do mais claro até o mais escuro, aí todos dormem e roncam baixinho.

Ilustração

A ilustração da letra O é feita com uma letra O amarela, com nuvens passando na frente. As próximas ilustrações são comparações com o globo, ou seja a Terra é redonda, como a pizza, a laranja ou as rodas do patrol.

Para ilustrar que o planeta O fica num espaço, Zivaldo desenhou um espaço com planetas e extra-terrestres verdes de foguete. As únicas palavras que são ditas pelo povo desse planeta é oh; oi; ô, ô, ô. A ilustração que expressa essa idéia é uma letra O amarela, num fundo azul escuro com balões de diálogo escritos essas palavras.

Para demonstrar que o planeta pode ser confundido com um drops, ele coloca o planeta com as cores verde e branco. Os habitantes não acham que o buraco é um problema, a página que mostra o dia nascer e morrer é inteira colorida, com o planeta embaixo em amarelo, azul escuro, azul claro, verde, amarelo, laranja e vermelho. E a página seguinte também colorida, mas começa do amarelo, vai para o laranja, vermelho, roxo, e várias tonalidades de azul. Assim as cores vão e voltam com o dia e a noite, que parece um arco-íris.

ANEXO 16 - “O pequeno P”

A história tem um narrador-personagem, que comenta que numa viagem para uma cidade do interior, parou num hotel e procurou algo para ler, encontrou sobre um guarda roupa um livro, pegou o livro e ele estava em branco, mas no meio de uma página, tinha uma letra sozinha, um p minúsculo. A letra pediu para desenhar um ponto de interrogação para ela levar para seu livro.

A letra estava feliz por ter sido encontrada. Ao indagar porque havia abandonado o seu livro ela respondeu que tinha alguma coisa errada com o seu herói, que não era o pequeno príncipe, mas o poeta que voava.

A letra P resolveu sair do seu livro para procurar outras letras, outras frases, passou por um livro de geógrafo, aprendeu onde estava no universo, cidade, biblioteca, o nome dos países, mares, vulcões, mas nada que o poeta não soubesse. O segundo livro era de um historiador, ela conheceu todos os povos mais antigos, sobre príncipes e princesas, sobre o começo das águas, dos bichos e dos peixes, porém o p passou para outras páginas. Agora ele estava no livro de matemática, aprendeu diversas fórmulas e medidas, mas nada que o poeta não soubesse. Foi para o livro de química, aprendeu sobre os ácidos, bases e átomos, mas ainda não era o que ele queria levar de volta da sua viagem.

A letra explicou que o problema do seu poeta era que ele não tinha dúvidas das coisas, ela quis sair e aprender sobre as coisas. Ela aprendeu que sempre acha as coisas, que nunca tem certeza de nada, e era isso que queria falar para o poeta. Ela é apaixonada pelo poeta, mas o poeta se sente culpado pela rosa gostar dele. Quando duas pessoas se encontram e se gostam, nasce uma terceira flor, o amor, que P prefere chamar de terceira flor, porque precisa ser cuidada, regada, protegida. Agora a letrinha queria voltar para seu livro.

O narrador-personagem segue para a livraria, pergunta a moça onde estava o livro do poeta voador, abre no meio de uma das páginas, arranca a página que ela estava impressa e coloca no meio do livro, na página 74, ainda coloca na última página, o ponto de interrogação.

Fecha o livro e pega novamente, compra o exemplar, mas o p não estava mais lá na folha, tinha voltado para seu lugar na página. E o ponto de interrogação, também não encontra mais. Agora ele se sente aliviado por ter contado essa história, acha que será bom saber que você que alguém leu essa história, e vai procurar onde estão os pés nas folhas.

Ilustração

A ilustração inicial não é a letra P, mas uma praia com um homem na areia, com a mão levantada acenando para um navio ao fundo da imagem. Quando o livro é aberto e ele encontra apenas uma letra p

minúscula no livro, o texto está dividido na parte superior da folha em duas colunas, com letras pequenas e uma letra p minúscula no meio da parte inferior, como se estivesse no meio da folha.

A terceira ilustração é na parte superior, um céu com um avião passando. É quando começa a explicação da letrinha, e a viagem nos livros. Quando a letrinha fala que viajava de livro em livro, o ilustrador dividiu o texto em parte superior e inferior, e em cada parte em duas colunas. A ilustração está no meio da página, com livros de geografia, história e outros, com pássaros voando em volta do livro.

Para ilustrar que ele estava no livro do historiador, Ziraldo ilustrou na parte superior duas pirâmides egípcias num deserto, e na mesma página, para ilustrar que estava nos livros de matemática, ele colocou um triângulo retângulo, com a letra pi - π no lugar da altura e um símbolo grego no lugar da distância.

A próxima ilustração é de três carneiros olhando uma caixa. O texto diz que a única dúvida do poeta era como desenhar os carneirinhos para o príncipe, e que então ele escondeu essa dúvida dentro de uma caixa de papelão.

A letra conta que caiu num livro de versos e que começou a viajar pelas estrelas, assim a ilustração que segue, pega as duas folhas: são estrelas num céu azul pintado como se fossem com lápis de cor, estrelas amarelas. Quando o narrador volta a falar do hotel, aparece na ilustração à vista de um prédio, com as cortinas do lado para dar a impressão de que é de um quarto.

A próxima ilustração é de uma rosa, fechada num vidro, pois a letra fala de amor e sedução. Para falar do amor, a letra p fala de uma terceira flor, que fica entre o cravo e a rosa. A ilustração então vem da rosa no canto direito, uma flor muito bonita no meio e do cravo no lado esquerdo.

A história termina com um ponto de interrogação no final, ora o ponto de interrogação aponta para o sentido estranho da história, porque no texto, ele diz que o leitor não encontra o ponto de interrogação no livro e que ele deve ter caído por aí, é quando nós leitores vemos o ponto de interrogação no final. Há um jogo com o leitor da história e o leitor da coleção.

ANEXO 17 - “Um Q todo especial”

O Q se chamava Oui. O narrador comenta que ninguém sabia por que sua mãe tinha colocado um nome assim, tão francês, pois faltava a sua rubrica -seu rabo- que faz as pessoas o identifiquem como um Q e não como um Ó.

O Oui decide procurar um rabo, e foi no mundo que vive Dom Quixote, Alice e Buendía. Ele encontra um menino com um rabinho, mas a doação não dá certo, rabo de gente para letra, deu rejeição. Alice o leva para procurar, e depois de muito procurar, encontram o gato Gus, do poeta Thomas S. Eliot, da Inglaterra.

O gato fala que ele é um ator, mas que Q sem rabo não tem talento, por isso entrega o rabo para o Oui explicando que não tem rejeição, já que aquele rabo só existe na imaginação. Gus vai embora e Oui, agora ficou Qui, encontrou seu nome, e descobriu que o que nos falta é imaginação.

Ilustração

A apresentação da letra Q é a bandeira da França no fundo da página, com um O no meio. Quando ele parte a procura por um rabo, as ilustrações mostram essa procura, por gatinhos, cavalos, porquinhos, meninos com rabo.

O Q vai para os livros, da Alice, que encontra o gato Gus, uma gato ilustrado como um mágico, de fraque e gravata. Esse gato consegue ficar com o rabo que desejar, então dá o seu rabo de imaginação para o Q, que se satisfaz.

As páginas começam com a cor azul, depois ficam todas amarelas. As ilustrações são bem coloridas.

ANEXO 18 - “R-a princesinha”

O Reino que vive a raça das letras R é muito longe, quase no fim do País das Letras. O povo não é rico, não tem ambição de riqueza, lá tudo é música, portanto a única coisa que fazem é dançar.

A letra R é uma letra dançante, parece uma bailarina com a perna para frente, esperando para dar um passo de balé. O rei tem seis filhas que educa com a ajuda de sua velha mãe. As seis jovens são as mais belas do reino, bailarinas completas, mas a caçula era a que mais inventava danças, enquanto suas irmãs eram mais tradicionais. A caçula gostava de saber sobre os outros vinte e cinco reinos das letras, no País das Letras.

Quando elas atingem a maioridade podem viajar para todos os outros reinos. Todas as irmãs foram e voltaram contando as maravilhas das palavras, os mistérios das frases, menos a quarta irmã que ficou por perto e andou somente pelo reino dos Esses, viu os vãos dos Vês e retornou.

As cinco irmãs saem pelo mundo das letras e deixam a irmã mais nova em casa, que não via a hora de completar a maioridade. Chegou o dia tão esperado, se arruma e sai, mas não passa do Reino do P, pois era aniversário do Príncipe P e havia uma grande festa, o que encantou a princesinha.

Quando o Príncipe P passa por ela, ela se apaixona. Ele não tem aquela cauda que ela tem, e é a letra mais linda que já viu. Todos se dirigem a um barco, mas a princesinha não tem convite, não pôde mostrar como é a sua dança.

Ela acompanha o barco nadando, mas logo começa uma tempestade e o barco afunda. Um P jogado na água afunda que nem um martelo, mas ela consegue nadar e socorrer o Príncipe P, levando-o para a praia. Como é uma estranha para ele, afastou-se enquanto as outras letras levam o príncipe até o castelo.

A princesa retorna ao seu Reino mudada, anda calada e triste. Um dia ela conta à suas irmãs o sonho de se casar com o Príncipe P. Foi um choque. Ela pensa em tirar a sua perna, assim pode ficar com o seu amado.

Pensa na Bruxa das Palavras, a Nasuta Litteratra. Chega à casa da bruxa, depois de passar por muitos horrores, a bruxa já sabe a razão dela estar ali. Para se transformar numa letra P, seus passos serão como pisar em pontas de punhal, nunca mais poderá dançar ou rever sua família, perderá a voz e se o príncipe se casar com outra, ela virará uma reticências.

A letra R aceita as condições e vai para o Reino do seu príncipe. Vai morar no palácio, mas descobre que o príncipe nem liga para a dança, não precisava ter perdido sua cauda, e que sem a sua voz não tem como conversar com o príncipe.

O príncipe está de casamento marcado com Pepita Pinto Fernandes, e a princesa espera a maldição se completar, quando suas irmãs chegam e dizem que o único jeito dela não morrer era matando o príncipe.

A princesa vai à casa da bruxa, mas chegando lá, não tem tempo e se transforma em reticências, suas irmãs tentam convencer a bruxa, porém ela diz que “as reticências é a ligação entre o que foi e o que virá a ser”. Elas entendem que a irmã vai voltar, mas sem saber quando, esperam, enquanto a história termina com o sol iluminando três pontinhos.

Ilustração

A ilustração inicial é de um castelo, em azul e branco, que parece estar coberto de nuvens brancas. Para ilustrar que a letra R parece uma bailarina, Ziraldo fala de um desenho de Degas, pintor francês que pintava bailarinas e de Miró, pintor espanhol. No glossário ele explica que faz uma intervenção no desenho de Degas, e que inventou o desenho de Miró.

As letras são todas pequenas e a próxima ilustração é de um navio numa tempestade, com uma letra R bem pequena nadando a esquerda do barco. A próxima ilustração é de uma letra R, ao redor de flores, com um balãozinho de pensamento na letra P. Aparece então na outra página uma bruxa, que solta sapos, morcegos, cobras, lagartos que são ilustrados no meio do texto, impressos em marca d'água.

Na mesma página tem a ilustração da bruxa, como se estivesse explicando algo, que no texto é a bruxa falando que já sabe o que a princesa quer. Aparece a letra P, da cor azul, andando em cima de punhais, com uma estrelinha no local onde seria sua antiga perna de R, com um coração dividido ao meio. Uma imagem forte, já que a princesa perdeu parte do corpo e agora os punhais tem uma cor vermelha em suas pontas, como se fosse sangue.

Quando a letra percorreu diversos bosques, florestas, matas para chegar a casa da bruxa, uma ilustração que pega as duas folhas, na parte superior, é um bosque escuro, com a letrinha P deitada, dando a impressão que está correndo.

A última ilustração é uma praia, com um sol bem amarelo, que pega parte das letras, mostra as ondas do mar e uma reticência na areia, com uma sombra que o sol fez nela.

ANEXO 19 -“O S feinho”

O S é feio e desajeitado. O narrador fala que cada letra tem uma raça e sua graça, elas são diferentes entre elas. A história se passa num bosque, onde a mamãe S choca os seus ovos, mas sobra um, o maior de todos, ele demora mais para nascer, e quando aparece é todo torto.

As vizinhas vêm conhecê-lo, sugerem que ele é um dois, mas a mamãe garante que número ele não é. Assim ela exhibe todos os seus filhinhos, menos o S feinho. Ele foge de casa, e anda por todos os livros a procurar quem ele é. O tempo passa e ele não sabe se é letra, número ou pato.

Para de procurar, e descansa durante o inverno num livro de alta classe. Ele cresce e vira um S maiúsculo, uma espécie de cisne da tipografia inglesa, letras usadas como capitulares. Agora ele sabe quem é.

Ilustração

A ilustração do S vem com um S preto, parecendo de cabeça baixa, no meio de uma floresta, essa ilustração é $\frac{3}{4}$ da página. A história começa com a explicação de que as letras têm famílias. A imagem que segue são da letra A da família Kabel, uma letra B da família Bodoni e a letra C da família Garamond, com três cachorros, um da família Fox Hound, um Beagle e um Setter.

A terceira ilustração da história está na parte superior da página, é uma casa de campo, com moinho e um rio passando. A ilustração que está na parte inferior é uma garça branca num terreno com um arbusto pequeno. O texto fala que nós brasileiros vivemos falando de uma paisagem que nunca vimos, com neve, pinheiros, mesmo com o sol escaldante que temos, uma crítica aos ilustradores brasileiros que não ilustram os livros com elementos do nosso país.

A próxima ilustração está na parte superior, e tem uma letra S, branca sentada num ninho, simbolizando que a letra está chocando ovos. Na mesma página na parte inferior têm ovos quebrados com várias letras S saindo deles, simbolizando que eles acabaram de nascer.

A outra página têm as ilustrações no canto direito, é uma seqüência de quatro imagens. Primeiro é um ovo grande fechado, depois o ovo se quebrando e saindo dele uma letra S preta, só que essa parece ser peluda, diferente das outras letras S. A terceira imagem dessa seqüência é a letra S branca, que seria a mãe, com a letrinha S preta e peluda em baixo, e uma letra A minúscula bem perto, meio deitada, como se estivesse insinuando alguma coisa. A última imagem são dois números dois num lago, completando o sentido do texto de que a letra a falou que esse filhote podia ser de número dois.

Na próxima página, no canto superior estão as letras S minúsculas, com a letra S maiúscula no meio, ou seja, a mãe. A letra S preta e peluda está no canto da imagem, quase que nem aparecendo.

No canto inferior esquerdo aparece a letra S preta e peluda, com uma trouxinha nas costas, numa floresta ou bosque.

A próxima imagem é de uma estante com livros coloridos, e têm seus autores escritos na lombada como Andersen, Karl (Marx), Rosa (Guimarães), Atlas, Lobato, Drummond, Lewis Carol, Colodi, Heródoto, Dante, Ruth, Grimm, Sigmund e Ana.

Quando ele decide parar num livro de alta classe, junto à lareira, a ilustração é de uma lareira de madeira, com uma mesinha que fica o livro e uma poltrona. O verão chega e a imagem que temos agora é de uma paisagem florida, com um sol grande no meio. O S agora aparece maiúsculo, ele agora é branco, uma letra capitular, que o texto explicou que é da raça dos tiffany.

ANEXO 20 - “Todos com T”

Essa história é um narrador que a conta, ele diz que o T é muito simpático e vive de braços abertos, como se quem está a espera de um abraço. Todos o chamam de Tamos-aí. As letras acham que o T não produz nada, que ele tem que se tornar útil para a comunidade, mesmo quando ele explica que sempre sorri para as pessoas, abraça, e que isso as deixa felizes.

As outras letras fizeram um teste vocacional para descobrir a verdadeira vocação do T. Pelas características físicas dele acreditam que ele deve trabalhar de espantalho. Escolheram um campo bem longe, onde o T não pode deixar as aspas descerem sobre as palavras plantadas, pois as aspas mudam o sentido do texto, o significado e até o autor. Mas o T não leva jeito de espantalho, ao invés dele dizer xô para as aspas, ele diz Tamos-aí, que é o que ele sabe fazer. As aspas tomam conta da plantação.

Resolveram então mandar o T para outro lugar, pelas suas características físicas, na segunda opção, pode ser guarda de trânsito. Ele deve tomar conta de uma esquina, onde as frases não podem trombar ou mudar o sentido da oração, nem um sujeito pode passar na frente do verbo e o verbo não pode perder seu objeto. O T fala: passa, passa. A esquina fica com frases tão desencontradas que parece um absurdo. As letras se reúnem novamente e o T explica que não pode proibir as frases tão bonitas de passar e ir onde querem.

Novamente as letras, pelas características físicas do T, acham que ele pode ser um juiz. Ele cumpre sua missão, pois a terra em que ele vive fica em paz. As letras conferem o trabalho que o T está fazendo, mas, naquele fórum, ninguém ganha nem perde, ficam todos empatados. T novamente se explica: *“Todos têm os seus motivos e têm suas razões quando buscam seus desejos ou cometem os seus erros. Quem sou eu para julgar!”* (p.214).⁴⁷

Enfim, o narrador avisa que as letras desistem de arrumar um trabalho para o T, e ele fica por aí, carrega sua cruz, sem saber para onde ir, e um dia o T evanesce. Agora muitos sentem falta do T, mas há um lugar que todos os amigos do T gostam de olhar para o céu, e achar que ele está lá em cima, e o próprio narrador questiona se é ele mesmo.

Ilustração

A imagem inicial da história “Todos com T” é a letra T com uma base azul, seus “braços” com uma continuação de várias cores, que vai do azul ao vermelho. No meio das duas páginas está uma letra T com braços

⁴⁷ Idem

e mãos, vestida de palito preto e camisa. Tem a imagem de um teste, e logo embaixo a imagem de um espantalho.

Na próxima página, temos a letra T ilustrada como um espantalho, numa plantação de palavras e frases, que está cheia de aspas, que parecem abelhas. As palavras e frases estão em verdes, às vezes tem um colorido na ponta, como se fossem flores.

Na outra página está um braço do T vestido de azul, logo na parte inferior desta página está a letra T com um apito em cima. A próxima ilustração é um emaranhado de frases, com a letra T no meio das duas páginas, com um sinal verde nas três fases atrás dele.

Bem no canto inferior esquerdo, tem uma letra T com duas balanças na ponta. Na próxima página está uma construção grega, parecida com o “Partenon”, e o T em baixo com um pássaro azul e branco nos ombros.

No canto superior direito está a letra T deitada, que no texto diz que cada um tem sua cruz. A história termina com a letra T em cima do morro, igualando a imagem do T ao Cristo Redentor da cidade do Rio de Janeiro – RJ.

ANEXO 21 - “O segredo de U”

A letra U, nomeada Úrsula, é uma letra muito inteligente segundo o narrador, os Us parecem que se abrem para o infinito, mas antes não era assim, eles viviam com o bumbum para cima.

Defini ela como um ímã, pois vivia fuxicando e procurando o que não sabia. Até que um dia encontra um amigo do oriente, que lhe conta uma história. O narrador conta a história para o leitor: Tinha uma mão que era voltada para baixo, como se escondesse na palma da mão um dinheiro ou uma semente, queria guardar tudo para ela; e tinha uma outra mão, que ficava com a palma virada para cima. Por estar com a mão para cima, ganhava muito mais do que perdia, porque “recebe mais aquele que dá com naturalidade”.

Depois de compreender a moral da história, Úrsula resolve mudar, dá uma cambalhota e muda sua vida. Agora suas curvas parecem com um sorriso, hoje ela dorme com a janela aberta para o alto, e a cada manhã que desperta acorda com o colo cheio de estrelas.

Ilustração

A primeira ilustração é da letra U com cores de arco-íris. Na segunda folha da história aparece uma seqüência de três imagens no canto direito -primeiro é a letra U amarela, com um ponto de exclamação no meio, a segunda é a parte de cima da letra U, virada para o céu, e a terceira é a letra U virada para baixo, com cores vermelhas, simbolizando o inferno.

A ilustração da página está no canto superior direito, é um ímã, que atrai de tudo, não só coisas de ferro, mas porcelanas, jóias, animais, flores e bolos. Logo abaixo tem dois quadros, um de um porco que está fuçando no chão e um quadro em braço. No texto está escrito que a letra procurava, mas não achava nada.

O texto fala que Úrsula encontra um amigo oriental, tem um símbolo oriental em vermelho e preto na parte superior da página. Em baixo tem a ilustração de uma mão com a palma da mão virada para baixo, e na outra folha, a palma virada para cima.

A letra então se vira. Essa ilustração pega duas folhas, com o rastro que ela deixou. A última imagem é da letra U cheia de estrelas dentro dela.

ANEXO 22 - “Os vôos de V”

Zíraldo começa essa história com “Era uma vez uma letra V, que como todos os vês, voa”, ele fala que quando era menino, gostava de desenhar paisagens, e colocava sempre os vês como passarinhos voando no céu.

Assim ele conta que Vic voa convencido de que é o melhor, ninguém pode voar mais alto que ele, nem mais veloz, ele tem um amigo, chamado Vavá. Seu amigo é muito atrapalhado e não consegue voar direito. Seu apelido é “Sem jeito mandou lembranças”, o próprio diz para todos que é um tempo de verbo “Eu sou mais que imperfeito”.

Vavá quer ser feliz, assim como ele acredita que o Johny é. Esse V além de voar, sabe cantar, ele é muito amado por todos.

Vic bate recordes de altura e velocidade. Ele se prepara para mais um novo recorde, mas vê o Johny vindo de regiões mais altas que a dele. Vic prepara-se e parte como uma flecha em direção a Terra, enquanto isso Johny voa suavemente em rodopios. O bico de Vic penetra nas costas de Johny, que dá um grito e como uma folha seca desce para a Terra, Johny morreu.

O narrador conta que hoje Vic está preso entre as sombras, mais perto do inferno, e que seria bom se ele tivesse ouvido as canções que Johny cantava (essa música é a música “Imagine” de John Lennon), imagine se não tivesse que haver nem céu nem inferno...

Ilustração

A primeira página dessa história é a única que não tem uma ilustração inicial, é só um texto com letras pequenas. No texto, o autor explica que quando era menino desenhava os vês como passarinhos voando, e parte para a história com “Era uma vez...”

A imagem que temos é de uma paisagem com vários pássaros, que na realidade são como letras V. Um desenho com traços de criança. A outra página é inteira de um céu avermelhado, que segundo o glossário é uma foto de Pedro Henrique. A próxima imagem é de um céu com uma pedra na parte de baixo. Essa imagem é um quadro do pintor belga René Magritte chamado “*As origens das Linguagens*”.

As ilustrações continuam com o tema céu, terra e mar. Mais fotos do entardecer do sol, do céu azul com nuvens e com a última ilustração de um céu com nuvens negras.

ANEXO 23 - “As desventuras de Mr. W”

Nessa história o narrador coloca suas percepções, conta como se estivesse envolvido nos fatos. Começa com “Era uma vez uma letra W que era barão e se chamava Wunderspragherausblembaum, mais conhecido como Mr. W.”. Diz que o W não combinava muito com as outras letras, e achava que valia por dois, desprezava as outras letras, e como é muito rico e vaidoso, mora num castelo que tem vários quadros, que ele fala que são retratos dele.

Ainda o narrador chama o leitor para mostrar os quadros da coleção do Barão, descobrir onde está o Mr. W. no quadro do Miró, e de Calder, Georges Braque, Matisse, Mondrian, Carlos Bracher, Bem Shahn, Picasso, Chagall, Van Gogh e Paul Klee.

Após apresentar todos esses quadros, fazendo o leitor se interessar pela história do barão, ele fala que na verdade, nenhum pintor pintou mesmo o barão, que ele aparecia num detalhe, ou num cantinho e saía dizendo que era o retrato dele.

Surge um conflito na história, o narrador conta uma segunda história. O barão contratou um grande artista para pintar um retrato seu, e convidou todos para a inauguração do quadro. Quando puxa a cordinha, não havia quadro, e Mr. W. grita que roubaram o retrato dele.

As outras letras lembram de chamar o Mr. P, o detetive do alfabeto, que chegou perguntando: de quem é esse quadro aí no chão? O retrato é de um M modesto. O barão diz que não tem um quadro de plebeu na sua casa.

O Mr. P pede para olhar o prego do quadro, e conclui que o quadro tinha caído e virado de ponta cabeça. Desviram o quadro e o retrato é mesmo do Mr. W. O narrador entra novamente com sua opinião -acabou-se a confusão e aí se aprende a lição: “Basta se levar um tombo para a gente descobrir de um modo bem direto que somos todos iguais, letras do mesmo Alfabeto”.(p.243)⁴⁸ Dizem que toda história termina com uma lição, ou moral, não é o caso, a aventura inventada foi somente um jeito de mostrar os quadros.

Ilustração

A apresentação da letra W é um W muito enfeitado, na cor marrom. A ilustração da casa do W, que é um barão, é uma pintura intitulada “O velho castelo”, de Utrillo, pintada em 1916. O enredo nos leva à procura pela letra W nos quadros apresentados: “Personagem e estrela”, de Miró, pintado em 1949; “Colagem”, de Calder, sem data; “O velador”, de Braque, pintado em 1929; “Interior em vermelho”, de Matisse, pintado em 1947; “Composição”, de Mondrian, pintado em 1921; “Esplêndida natureza da obra de arte”, de Bracher,

⁴⁸ Idem

pintado em 1981; *“O maior gíbi do mundo”*, de Bem Shahn, pintado em 1946; *“Auto-retrato”*, de Picasso, pintado em 1907; *“Cavalinho vermelho”*, de Chagall, sem data; *“Barcos em Saint Maries”*, de Van Gogh, pintado em 1888; *“Tenda duple”*, de Paul Klee, pintado em 1923; *“A traição das imagens”*, de Magritte, pintado em 1929 e *“O passeio. Mulher com sombrinha”*, de Monet, pintado em 1875.

Assim, a história da letra W traz vários quadros de artistas, enfim é um convite aos leitores para conhecer e se interessar pela arte.

No glossário, Ziraldo explica que trocou a posição de alguns quadros para os leitores encontrarem a letra W neles. O último quadro da história foi colocado porque Ziraldo acredita ser o mais bonito do mundo, segundo ele coloca no glossário.

São quadros pintados em épocas diferentes, contém estilos diferentes, as técnicas utilizadas foram distintas, as cores e os traços são característicos de cada artista.

ANEXO 24 - “Os mistérios de X”

A letra X também tem uma história com um narrador-personagem. Ele apresenta a letra como Cris, e questiona por que ninguém sabia seu nome verdadeiro, mas afirma que o interessante é contar porque o seu nome era Cris.

Assim o narrador dá exemplos de onde encontramos a letra X: os gregos e os romanos chamavam o X de Cris. Cristo era escrito Xpto. Cris é o começo da palavra (X), o P não se pronuncia, e T mais o O dá to. No cartão de boas festas também encontramos o X com nome de Cris, naqueles que falam inglês Merry Xmas. O X toda vez que é convidado para uma revista aparece logo na capa. O X mais parece gente do que letra do alfabeto, afirma o narrador.

O presidente do Brasil certo dia teve uma idéia, fez uma nova capital, e assim nasceu Brasília, o homem que a inventou riscou um X no papel, assim como os piratas riscam com um X o local do tesouro. É sobre ele que as cidades se constroem, é com sua presença que a História começa. O X também é um aviso de cuidado. Para tirar alguém da nossa vida, uma coisa que não se quer, desenhe um X.

Certo dia chamaram o X para trabalhar na Aritmética, o X fazia o papel do dez, e o V, que é a metade de X, era o cinco. O X foi promovido para trabalhar na Álgebra e virou uma incógnita. A álgebra é a parte da matemática que usa letras em vez de número, e a incógnita é o que você tem que descobrir, ela está no lugar do número para descobrirmos.

“Para o livro ficar completo só falta dizer que o X mais parece gente do que letra do alfabeto”, termina o narrador.

Ilustração

A letra X é apresentada na cor marrom, pintada como se fosse com um pincel. A primeira frase é que as letras são como bichinhos, as ilustrações seguem essa frase, e estão no lado direito da página. Ilustra animais com formas de letras: o coelho é um X; a serpente é uma letra M; a foca é um J; o peixe é um C; o pato é um Z e a lagartixa é um S.

O nome da letra é Cris, portanto o autor brinca com a substituição dessa palavra, colocando a letra X numa ilustração de um papyrus escrito XPTO, que ele revela no texto que quer dizer Cristo, já que o P não se pronuncia e o T se lê to e numa ilustração de um cartão de natal, escrito Merry Xmas.

Ele pode se transformar no Mr. X. ou na Madame X, vilões misteriosos que nas ilustrações aparecem em preto, como se fossem sombras, com os braços abertos. Pode ser a marca de onde se constrói uma cidade ou

onde se risca o local do tesouro ou num carvalho. As ilustrações que seguem são de dois mapas, um de pirata, outro de um relevo de uma cidade com um X marcado em vermelho. No canto esquerdo da página está um tronco de árvore, com um X marcado em branco.

As ilustrações que aparecem depois são de um homem carregando um instrumento, que juntos formam um X e um X numa placa vermelha, em branco para expressar cuidado. Tem o X que tira as pessoas da nossa vida, exemplifica o narrador: o autor coloca a foto de dois namorados, com um X em vermelho no homem e no lado da foto, depois do texto, escrito Laura e Armando, com um X no nome Armando.

Como durante o Império Romano, o X trabalhou valendo dez, os dez dedos da mão, a ilustração que temos em baixo desse texto é de dois homens vestidos de túnicas, com duas mãos azuis no fundo deles, bem em cima deles tem a letra X, que é a junção de dois V, que valiam cinco.

Na próxima página temos a letra X em cima com um sinal de igual, seguido de interrogação. O texto fala da álgebra, onde temos que achar o valor de X. Na outra página temos um menino e uma menina, ela com um balão de fala escrito que $3+X=5$, e ele falando $X=?$.

A última página mostra um menino e uma menina, um de costas para o outro, formando um X com os corpos, em cima da palavra fim tem um anjinho, que forma a letra X.

ANEXO 25 - “O Y e o mar”

O Y é um marinheiro que ama as ondas do mar e navegar, ele acha que o mar é bonito todos os dias, mesmo quando o dia está pesado, cheio de cinzas. O narrador conta que o marinheiro acredita que quando a noite chega e a lua desenha na água sua luz, é só pegar o seu barquinho e seguir sua luz para chegar na lua.

A história se revela a partir desse momento, quando o narrador avisa que esse marinheiro só navega nos livros, nas aventuras, no mar de Ulisses e Jonas, só habita os pensamentos, é apenas uma letra e se chama Ypissilone. O Y conta que um dia seu barco naufragou, e ele lembrou que nenhum O nem um Q embarcou para salvá-lo. Ele nada para trazer a tona seu barquinho. Aparece na sua frente um F minúsculo, mas não era um F, era um cavalo marinho. Ele desiste do barco e sobe para a superfície. Para todos os lados é mar. Escolhe uma direção e nada, chega numa ilha que está deserta, esperou por dias, mas nada aconteceu, então ele fica em pé e começa a agitar os braços para o céu, mas ninguém pára para ajudá-lo.

O narrador entra novamente na história e explica que ninguém ajuda o Y porque eles acreditam que o Ypissilone é uma palmerinha famosa que tem em todas as lhas, mas na verdade são os marinheiros Y saudando os barcos ou o mar.

Ilustração

A história da letra Y aparece apenas a letra E com sol, mar e um barquinho, a letra Y não aparece inicialmente. A página está dividida em duas partes, a de cima e a de baixo. Em cima tem um mar com o céu azul e em baixo é de um mar agitado, com o céu escuro e ondas agitadas.

A próxima página é cinza, tem a ilustração de um mar calmo, com a lua refletida na água, parece quando a noite está chegando, no entardecer. O texto fala que o mar é bonito, quando está agitado ou calmo, e que o marinheiro acredita que para chegar à lua é só seguir o reflexo dela na água do mar com seu barco.

Quando no texto fala que mesmo quando tudo é negro, o mar é puro breu, ele é bonito, assim a ilustração que temos é do mar azul, com as ondas calmas, o céu todo negro.

A outra ilustração que temos é de um céu pintado com lápis, com as cores azul, branco, amarelo, laranja e vermelho. O texto fala que o mar é bonito de qualquer jeito. Agora que a letra Y é ilustrada na história, ele é um marinheiro. Essa página está dividida em cima e em baixo. A parte de baixo tem uns pontos brancos, que juntos formam a Terra, e ao redor da Terra está um barquinho a vela. A parte de cima tem o texto do lado direito e do lado esquerdo a ilustração da letra Y.

A próxima página está organizada com o texto do lado direito, e três ilustrações do lado esquerdo. Em baixo dessas ilustrações têm um parágrafo do texto. Na parte inferior da página tem o desenho de um mar, ao fundo com uma frase em cima. As três ilustrações são de uma letra O, que simboliza uma bóia no texto, uma bóia com cordinha, que é uma letra Q, e a letra Y deitada no mar, com um barco no fundo do mar.

Ypissolone encontrou um cavalo marinho, que achou que fosse a letra F. O cavalo marinho foi ilustrado na parte direita da página, com a cor azul escuro. O outro desenho é da letra Y com apenas uma parte para fora, como se estivesse com a cabeça para fora da água.

A última página é amarela, tem uma letra Y numa ilha, sendo comparada com um coqueiro ou árvore.

ANEXO 26 -“Z- a missão!”

A história do Z é constituída pelo narrador, pelo desenhista de História em Quadrinhos e a letra Z. O narrador comenta que Z ficava pelos cantos do alfabeto, queria ser feliz, pois feliz acaba com Z. Um desenhista de uma História em Quadrinhos pergunta para o Z o que é ser feliz, ele responde que é ser o que precisa ser e ter o que se precisa. Ser feliz é ser azul.

Nos livros de aventura só se ganha as coisas quando se luta por elas, é a lei da aventura. Então o desenhista o convida para ser um herói de sua história em quadrinhos, irá participar de uma luta de leões. Z aceita.

O herói rasga o leão e o Z faz o barulho, vence a cobra de cem cabeças, faz barulho do fogo fritando cobra. Sua nova missão é voar como uma bala. O herói vencerá o mostro com um ruído final que o Z faz.

Ele faz o barulho das águas de um rio, barulho de pássaros carnívoros que zunem como abelhas, e quando o herói pega o boi pelo chifre. *“O herói tem seu poder num cabelo cortado num sinal que não se vê ou num cinturão dourado. E se esse cinto é guardado por mulheres poderosa, tem que ser veloz.”* (p.272)⁴⁹

Na busca de um gigante cabeçudo, o Z gera uma legião em volta do monstro, enfrenta o cão de três cabeças, uma barulheira infernal, mas a vitória veio. Acaba a história e o Z pergunta o que ele faz agora, o desenhista o manda virar a página, e lá está o Z feliz, azul como pediu e com o dever cumprido.

Ilustração

A letra Z é apresentada com o fundo amarelo, com pontinhos rosa, ela é vermelha, com volume, as partes laterais são azuis. Uma imagem bem chamativa da letra. Z queria ser azul, e bem embaixo na página está o alfabeto colorido com o Z em branco. Do lado, tem o desenho de uma mão que está desenhando uma história em quadrinhos, com balões de pensamento, falas e brigas.

A missão do Z é fazer os barulhos da história, como o barulho do rasgo do leão, que foi desenhado com (ZZZZRRRAPT), e o barulho da queima das cabeças das cobras (ZIZZLE) ou ser como uma bala (ZING), o barulho do golpe final num monstro (ZAPT), o barulho da água (ZZZZZZTT), aves sinistras que parecem abelhas (ZZZBZZZZ), ou quando ele acaba com o boizão (ZIP) ou as bestas ferozes do rei (ZAS) e a impressão de sua velocidade (ZZZRRRTTT).

⁴⁹ Idem

As ilustrações dão a impressão não apenas do som, mas do visual, pois na velocidade temos as letras todas tremidas, nas águas temos o Z em torno de águas, como se estivesse balançando, ou o fogo que temos a impressão que ele sobre e desce.

Depois de completar todas as missões, o Z aparece no final, feliz, em azul, que é o que ele achava que precisava para ser feliz.